



© Rita Cardoso

Península de Setúbal

Jovens querem direito ao futuro e ao lazer

Catorze repórteres foram ao terreno para questionar jovens dos nove concelhos da Península de Setúbal sobre como ocupam os tempos livres.

PÁGINAS 7 A 17

Informação é conhecimento



Um jornal para aprender

PÁGINAS 2, 4 E 5

6ª Semana da Comunicação Social



Papel do jornalista é mais importante

«O papel do jornalista é mais importante agora do que era antes», afirmou o jornalista Paulo Moura em entrevista concedida ao Jornal Repórter. O repórter Paulo Moura foi um dos 26 convidados que partilharam o seu conhecimento com estudantes da Escola Superior de Educação (ESE/IPS), durante a 6ª Semana da Comunicação Social.

PÁGINA 3 E 20



Ficha Técnica

Registo ERC n.º: 0000

Proprietário:

Instituto Politécnico de Setúbal

NRPC: 503720364

Presidente: Pedro Miguel de Jesus

Calado Dominginhos

Vice-presidentes: João Carlos

Vinagre Nascimento dos Santos e

Maria Fernanda Venâncio Dóres

Pestana

Administradora: Maria de Lurdes

Cardina Pedro

Editora: Escola Superior de

Educação

– Instituto Politécnico de Setúbal

Sede editora e redacção: Campus

do Instituto Politécnico de Setúbal,

Estefanilha, 2914-504 Setúbal

E-mail: ojornal@ese.ips.pt

Directora: Ângela Lemos

Diretores Adjuntos: Orlando César e

Ricardo Nunes

Conselho editorial: Alcina Dourado,

Ana Maria Pessoa, Ângela Lemos,

Cátia Salgueiro, Fernando Pinho,

Filipe Carmo, Lídia Marôpo, Luísa

Ferreira, Mariana Pinto, Marta Alves,

Orlando César, Ricardo Nunes, Rita

Cardoso e Tiago Jesus.

Chefe de redacção: Filipe Carmo

Editores: Diogo Sousa (País),

Sofia Raichande (Mundo), Inês

Pereira (Vidas), Ana Paula Tavares

(Sociedade), Margarida Gonçalves

(Cultura) e André Dinis (Desporto).

Redacção: Alexandre Saramago, Ana

Carolina Balé, André Dinis, Beatriz

Fernandes, Catarina Couto, Diogo

Bordalo, Diogo Sousa, Filipa Martins,

Gabriela Palma, Joana Sena, Jorge Rodeia,

Madiu Furtado, Margarida Gonçalves,

Raquel Santos, Rita Cardoso, Sara

Cabrita, Sofia Raichande e Tiago

Jesus.

Revisão de estilo [Copy-desks]: Rita

Cardoso (coordenadora).

Fotografia: Inês Filipe (editora),

Alexandre Saramago, Beatriz

Fernandes, Catarina Couto, Diogo

Bordalo, Diogo Sousa, Filipa Martins,

Joana Sena, Jorge Rodeia, Patricia

Pereira, Rita Cardoso, Rita Cardoso,

Sofia Raichande e Tiago Jesus.

Secretariado de redacção: Ana Paiva

(coordenadora), Ana Paula Tavares,

Ana Tomé, David Simões, Inês Filipe,

Inês Pereira, Jéssica Borges, Joana

Valverde, Patricia Pereira e Tiago

Correia,

Centro de documentação: Fatumata

Bari (coordenadora).

Publicidade: Gabriela Palma

(coordenadora), Alexandre Saramago,

Ana Rita Gonçalves, Inês Alves, Sara

Cabrita.

Paginação: Andreia Faria

(coordenadora).

Online: Jorge Rodeia (coordenadora),

Alexandre Saramago, David Simões,

Diogo Bordalo, Fatumata Bari, Filipa

Martins, Filipe Carmo, Gabriela

Palma, Inês Banha Alves, Joana

Valverde, Jorge Rodeia, Margarida

Gonçalves, Rita Cardoso e Sara

Cabrita.

Projeto gráfico: Maria Ramos

Estatuto Editorial: 0000

Editorial

Um projeto de aprendizagem Um desafio para a comunidade ESE/IPS

O número zero do Jornal Repórter constitui a ocasião para salientar a importância deste projeto numa escola onde formar profissionais para os contextos de trabalho é fundamental.

O projeto de criação de um jornal da ESE surgiu em 2017, após o lançamento do jornal *Semana*, produzido durante a 5ª Semana da Comunicação Social. Um jornal desenvolvido essencialmente por um grupo voluntarioso de estudantes, fortemente apoiado pelo Professor Orlando César.

A comunicação é uma necessidade de todo o ser humano e, enquanto equipa diretiva, compreendemos as potencialidades em termos de aprendizagem pré-profissional que um projeto desta dimensão pode ter na formação inicial dos estudantes.

Surgiu assim a vontade de criar oportunidades de aprendizagem para os estudantes da ESE/IPS, mas acima de tudo para os estudantes da licenciatura em Comunicação Social. Concebemos o projeto de criação de um jornal, coordenado por dois docentes, os Professores Orlando César e Ricardo Nu-

nes. Desde outubro estão envolvidos 45 estudantes e 11 docentes de diferentes áreas. Importa referir que se construiu uma estrutura em que os estudantes são protagonistas de todas as esferas de trabalho para a produção do jornal.

Pretende-se que o Jornal Repórter informe e atualize todos aqueles a quem se dirige não apenas dos acontecimentos relevantes da comunidade local, regional ou nacional, mas que espelhe uma visão crítica do mundo.

Os estudantes têm muito a oferecer e, neste contexto, os seus saberes vão interagindo com áreas ainda desconhecidas. A participação neste projeto promove uma aprendizagem diferenciada das competências necessárias a um profissional da comunicação, nomeadamente no campo jornalístico. Apesar do projeto se desenvolver em contexto académico, a sua participação permite-lhes desenvolver competências no âmbito de diferentes temáticas. Recorrem a estratégias diferentes daquelas que utilizam em contexto de sala de aula, respeitam a sua própria forma de aprender, apropriam-se dos saberes específicos da sua futura profissão.

No desenvolvimento do projeto todos os estudantes tiveram oportunidade de participar em seis horas de formação inicial específica, para além do acompanhamento, por parte de docentes, da produção do trabalho. A organização em grupos por áreas diferenciadas, desde as secções editoriais, onde se decide o que é noticiável, até às outras secções, desde a secretaria de redacção à paginação, permite-lhes neste trabalho de laboratório compreender as dinâmicas inerentes à edição de um jornal.

Nesta 6ª Semana da Comunicação Social, um ano após a edição do jornal *Semana*, atingimos o nosso objectivo. Editamos o número zero do Jornal Repórter, partilhando com toda a comunidade uma leitura da realidade em que vivemos.

Justifica-se nesta ocasião agradecer à *designer* Maria Ramos que concebeu e executou o logotipo do Jornal Repórter e o projeto gráfico do jornal, aos docentes que acreditaram no projeto e a todos os estudantes que nele participam.

Ângela Lemos

Estatuto editorial do Jornal Repórter

O Jornal Repórter é editado pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE-IPS) e a sua edição é assegurada, essencialmente, por estudantes da Licenciatura em Comunicação Social.

1 – O Jornal Repórter é um projeto editorial destinado à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências por parte de estudantes no âmbito do jornalismo e de outros domínios da comunicação. Privilegia os géneros jornalísticos de informação, a aquisição de conhecimento empírico e a prática profissional simulada.

2 – O Jornal Repórter insere-se no ecossistema mediático, embora na circunstância particular da sua finalidade, a de meio de comunicação social no contexto do Instituto Politécnico de Setúbal, pautando-se pela isenção e rigor informativos.

3 – O Jornal Repórter pretende produzir informação numa perspetiva que lhe confira significado social e cultural. Assegurar através da investigação crítica o designio de

uma cidadania informada, condição de uma sociedade democrática.

4 – O Jornal Repórter incluirá diferentes tipos de informação, desde a que emerge do processo jornalístico à de outras áreas de atividade de fronteira, nas suas diferentes linguagens e com clara demarcação da sua tipologia.

5 – O Jornal Repórter quer proporcionar um modelo de experiência editorial, quer através da prática quer mediante a participação num projecto, que apresente um quadro plural da sociedade. Inscreve-se no espaço regional, sem perder de vista a sua inserção no país e no mundo, e promove um sentido de comunidade e de responsabilidade social.

6 – O Jornal Repórter visa estimular o diálogo com leitores e leitoras e valorizar a função dos *media* enquanto instrumento de debate e reflexão. Convocar o público a quem se dirige a uma participação ativa, mediante a naturalização do direito à informação, a ser informado e a informar-se.

7 – O Jornal Repórter incute o sentido de pertença à comunidade. Propõe-se despertar a curiosidade, difundir conhecimento e tornar relevante e necessário um espaço de expressão pública.

8 – O Jornal Repórter reflete ideias, valores, atitudes e comportamentos que exprimam o património humano. Rege-se pelos princípios éticos do jornalismo e no respeito pelos valores e normas consagrados no Código Deontológico do Jornalista.

9 – O Jornal Repórter promove a esfera pública como lugar de inscrição e interação. Notícia e conta histórias de vida e do quotidiano, relatadas em entrevistas e reportagens.

10 – O Jornal Repórter visa entreabrir um horizonte que está subjacente à sua circunstância. A sua edição constitui a oportunidade de configurar a diferença que a equipa que o produz e os leitores e leitoras sejam capazes de tornar real e tangível.

Aprovado pela Direção e Conselho Editorial do Jornal Repórter, em 15-11-2017.

Orlando César, organização da 6ª Semana da Comunicação Social

O conhecimento ajuda “a tomar decisões informadas”

“A realidade é uma construção social. Adquirir essa noção ajuda-nos a saber ler os quadros que nos apresentam e a tomar decisões informadas e em consciência”, afirma Orlando César, professor na Escola Superior de Educação e promotor da Semana da Comunicação Social (SCS).

A decorrer pela sexta vez consecutiva no anfiteatro da instituição, entre os dias 9 e 13 de abril, conta com a organização de docentes e alunos que, em conjunto, fazem chegar à ESE uma panóplia de oradores que irão abordar o tema “Fabricação do Real”. Aberto a todos os cursos do Instituto, este evento procura cada vez mais o envolvimento de estudantes de todas as escolas uma vez que, como explica o professor, “o conhecimento e as experiências transmitidas enriquecem-nos a todos”.

Jornal Repórter – Seis anos depois da primeira semana da comunicação, o que mudou ao nível da organização?

Orlando César – Evoluiu-se de uma iniciativa que se focava, em particular, na Comunicação Social para uma outra que pretende envolver outras áreas disciplinares e procura tocar toda a Escola. Evoluiu-se na organização. Há um saber adquirido pelos próprios es-

tudantes, que o transmitem de um ano para o outro em termos da concretização de tarefas.

Como é feita a seleção dos convidados e a preparação dos painéis?

Atualmente, quem modera as conferências é também quem

as organiza e escolhe os convidados. Têm o conhecimento dessa área e esforçam-se por convidar os profissionais ou os investigadores que transmitam conhecimento pertinente e melhor interajam com a audiência.

Para além do professor, que outros docentes estão envolvidos na organização?

Este ano estão envolvidos mais sete docentes da área disciplinar de Comunicação, Média e Jornalismo (Alcina Dourado, Ana Maria Pessoa, Cátia Salgueiro, Lídia Marôpo, Marta

Alves, Ricardo Nunes e, ainda, Luísa Ferreira, que organiza a exposição de Fotografia dos estudantes de Comunicação Social) e três docentes de outras áreas (André Carmo, Carla Cibebe e Mariana Pinto).

Qual o principal objetivo da SCS? Muda de ano para ano, ou existe um denominador comum?

O objetivo da Semana é sempre o mesmo. Proporcionar a aquisição de conhecimento, a oportunidade de participar e intervir na discussão dos temas

e a apresentação de comunicações que resultem de estudos desenvolvidos pelos próprios estudantes. E, ainda, a aprendizagem que decorre da organização e divulgação do próprio evento. O que muda são os temas que se debatem em cada ano.

Como têm sido os níveis de afluência dos estudantes ao longo das 5 edições passadas?

Têm aumentado. Mas precisamos de nos mobilizarmos mais para que todos a assumam como sua.

Que mensagem gostaria de transmitir aos estudantes para os incentivar a assistir às palestras?

A realidade é uma construção social. Adquirir essa noção ajuda-nos a saber ler os quadros que nos apresentam e a tomar decisões informadas e em consciência. A participação, e não estarmos apenas de corpo presente, é sempre uma ação social que contribui para aguçar o sentido crítico. É um ato político que induz a condição da cidadania. Confere mais mundividência.

Margarida Gonçalves



Catarina Oliveira, Mariana Teixeira, Sérgio Sousa, Mafalda Chalaça e Orlando César

A organização, os estudantes e os voluntários de Comunicação Social

Garantem que “toda a Semana corre como planeada”

Os estudantes Catarina Oliveira, Mafalda Chalaça, Mariana Teixeira e Sérgio Sousa, membros da Comissão organizadora da 6ª Semana da Comunicação Social, não têm mãos a medir. Incumbidos de fazer a sua divulgação nos *media* e de escalonar o trabalho dos cerca de 50 estudantes voluntários, procuram cumprir a sua principal função, “garantir que toda a semana corra como planeada”, como afirma Catarina Oliveira, estudante do 2º ano da Licenciatura em Comunicação Social.

A mensagem da comissão é fazer chegar aos jovens a informação sobre a oportunidade que têm de desempenharem tarefas como voluntários na organização de mais uma edição da Semana. Após as inscrições, é organizada uma tabela que tem em conta as preferências indicadas no ato de registo. Sérgio Sousa, aluno do 3º

ano, salienta que “tentamos ao máximo fazer uma distribuição justa e igualitária das tarefas”. Distribuídos pela fotografia, filmagens, microfones, receção, apresentação de convidados e gestão de redes sociais, os estudantes são indispensáveis ao bom funcionamento e divulgação do evento.

Com 47 inscritos, número superior ao de anos anteriores, o 1º ano da licenciatura tem vindo a aderir de forma expressiva. No entanto, Mafalda Chalaça, que participa pelo segundo ano na organização, aconselha os seus colegas que iniciaram agora a licenciatura a assistirem primeiro às conferências de forma a perceberem “o que é a Semana da Comunicação Social e só depois ajudarem na organização”.

Para além de “congregar toda a comunidade num espaço de enunciação e debate, este evento aproxima os estudantes

de Comunicação Social de profissionais da sua área de formação e proporciona a partilha de experiências e relatos”, afirma Mariana Teixeira, atual membro da comissão organizadora e voluntária em outras edições. Micaela Oliveira, finalista do curso, partilha da mesma opinião, acrescentando que, do seu ponto de vista, a SCS “procura proporcionar a todos os estudantes da Escola Superior de Educação a oportunidade de estarem presentes em palestras que permitam aprofundar a sua cultura”.

De edições anteriores ficam memórias dos momentos mais marcantes de aprendizagem. Fatumata Bari, estudante do 2º ano e voluntária na anterior edição, destaca a conferência em que a jornalista do Público Joana Gorjão Henriques esteve presente e se falou no papel dos *media* na criação de estereótipos. Para Micaela

la, que assistiu às duas últimas edições, a mostra de publicidade Cenas Da Pub, organizada pelos estudantes da unidade curricular de Relações Públicas e Publicidade, tem sido uma abordagem diferente e criativa que se destaca todos os anos. Sérgio Sousa faz um balanço das últimas edições, destacando a variedade de assuntos e personalidades que têm passado pela ESE, concluindo com agrado que, ano após ano, “a Semana não se limita somente a uma abordagem jornalística, incluindo também outras temáticas intimamente relacionadas com outras áreas da Comunicação. Esta multidisciplinaridade não só garante agradar a uma maior quantidade de público, como permite dotar os estudantes de um maior conhecimento sobre cada uma das áreas”.

**Ana Carolina Balé
Margarida Gonçalves**



Um jornal para aprender

O Jornal Repórter é um meio para aprender. Função que não se esgota no ato de recolher informação e adquirir conhecimento. A aprendizagem implica a noção inerente à liberdade de expressão, que é o direito de acesso ao meio de expressão.

O primado do Jornal Repórter é possibilitar o acesso de estudantes a um meio de comunicação social. E esse meio deve abrir-se não só ao ato da comunicação, mas ser igualmente um instrumento para construir a experiência. Visa associar o conhecimento formal ao conhecimento empírico.

Não é, porém, um meio fechado sobre si mesmo. Deve, pelo contrário, abrir-se à sociedade e aos fenómenos e factos que nela ocorrem. Confrontar-se com a realidade para que os atores desempenhem um papel socialmente útil e ascendam à condição de autores de uma narrativa encarada como serviço prestado à comunidade.

A imprensa surgiu da necessidade sentida pela humanidade de obter conhecimento para além da experiência pessoal. A locução 'para além', aplicada neste contexto, tem um sentido de espaço, mas também um sentido de tempo. São o aqui e o agora que o jornalismo estabelece para organizar o caos da informação que circula.

Mas o 'para além' é também a representação do que está para além da realidade conhecida, da realidade percebida. Saídos do espaço exíguo da aldeia, onde a informação circulava de viva voz, a imprensa conferiu-lhe projeção na grande cidade.

Tornou-se uma instituição na instituição que é a cidade, a qual consiste num conceito e numa estrutura, conforme o escreveu o antigo jornalista, sociólogo e fundador da Escola de Chicago Robert Erza Park.

Park refletiu, com base no conceito cunhado por Kurt Lewis, sobre a noção de tempo nas notícias, o tempo especioso. Nessa senda, contribuiu também para a qualificação do conhecimento produzido pelo jornalismo. Simultaneamente, recomendava aos estudantes de sociologia que adotassem o saber empírico do repórter no terreno, anote tudo. Escreveu que o jornalismo tem duas dimensões essenciais: o interesse humano e o interesse informativo das notícias.

Outro norte-americano e também antigo jornalista, por quem Park nutria admiração intelectual, contribuiu também para a crítica do jornalismo, para sistematizar conceitos e para o estudo da opinião pública. Walter Lippmann considerava necessário conferir cientificidade ao jornalismo.

Os critérios de evidência, a verdade e a objetividade mereceram-lhe reflexões. Mas também cunhou o conceito de



imagens mentais, associadas ao jornalismo. Considerava como mais fértil a hipótese de que «verdades e notícias não são a mesma coisa»⁽¹⁾. As «notícias têm a missão de assinalar acontecimentos, enquanto as verdades têm a missão de trazer à luz factos ocultos, manifestar as relações que os vinculam entre si e proporcionar-nos uma imagem da realidade com base na qual possamos atuar».

Thomas E. Patterson⁽²⁾ refere-se à observação como ato que deve preceder qualquer outra actuação. Sendo crucial o papel do jornalista enquanto "observador público", numa perspetiva do ideal de testemunho objectivo.

UM JORNAL PARA A PRÁTICA

O jornal tem como propósito promover o conhecimento e debate sobre o jornalismo na perspetiva dos praticantes e abordar todo o processo que torna os acontecimentos noticiáveis, incluindo o estabelecimento da agenda. Deve contribuir para favorecer e valorizar a experiência prática e também estimular uma perspetiva crítica e um debate alargado sobre os resultados do trabalho produzido.

Um jornal é informação e a informação é conhecimento. Desde a sua origem destina-se a informar, formar e entreter.

Visa desenvolver competências no âmbito do saber-fazer jornalismo e em outros domínios de atividade profissional de comunicação. Proporcionar a estudantes a experiência de participarem como elementos de uma redação e das suas secções de apoio, bem como o exercício de outras actividades de comunicação, como a publicidade.

Tem em vista estimular o conhecimento sobre a realidade envolvente, promover a comunicação e apoiar a descoberta dos outros que residem, trabalham e formam-se neste território.

O Jornal Repórter inscreve-se no espaço regional, sem perder de vista a sua inserção no país e no mundo, e promove um sentido de comunidade e de responsabilidade social. A sua natureza é, porém, distinta da de outros meios,

assim como a sua finalidade. Paginado na dimensão tabloide e com periodicidade mensal, é difundido e disponibilizado em canal online (portal da Escola Superior de Educação).

Privilegia os géneros jornalísticos de informação e rege-se por princípios éticos do jornalismo e no respeito pelos valores e normas consagrados no Código Deontológico do Jornalista.

IMAGEM DO MUNDO E OS CONTINENTES DESTE JORNAL

Um jornal é informação e a informação é conhecimento. Desde a sua origem destina-se a informar, formar e entreter. Uma das suas funções mais honrosas é escrutinar os poderes e dar voz aos que não têm acesso a meios de expressão. A tradição do repórter é a de um inefável contador de histórias. Mas histórias que ganhem corpo num contexto guiado pela dimensão ético-deontológica.

Eça de Queiroz escreveu, na primeira edição de um jornal que dirigiu em Évora; que

«é o grande dever do jornalismo, fazer conhecer o estado das cousas públicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar atento às atitudes que toma a política estrangeira, protestar com justa violência contra os actos culposos, frouxos, ou nocivos, velar pelo poder interior da pátria, pela grandeza moral, intelectual e material em presença das outras nações, pelo progresso que fazem os espíritos, pela conservação da justiça, pelo respeito do direito, da família, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes.»⁽³⁾

A nota de Eça constitui uma proclamação que as exigências da atualidade não enjeitariam. Bastava atualizar a ortografia e depurar as marcas passadas da linguagem. Numa outra proclamação, esta do século passado, Gabriel Garcia Marquez dirigiu-se às escolas onde o jornalismo é ensinado. Salientou que «toda a formação deve sustentar-se em três vigas mestras: a prioridade das aptidões e das vocações, a certeza de que a investigação não é uma especialidade dentro da profissão, mas que todo jornalismo deve ser investigativo por definição, e a consciência de que a ética



A experiência do repórter é a de quem se confronta com as realidades, que está no turbilhão dos acontecimentos e os interpreta.

não é uma condição ocasional, e sim que deve acompanhar sempre o jornalismo, como o zumbido acompanha o besouro.»^(iv)

A aprendizagem deve ter como linha de horizonte o mundo lá fora. O objetivo que se coloca é dar contributos para que cada pessoa construa o seu próprio projeto de vida profissional e construa a sua autonomia para enfrentar o mundo

com melhores ferramentas.

A experiência do repórter é a de quem se confronta com as realidades, que está no turbilhão dos acontecimentos e os interpreta. Procura o porquê das coisas e representa a vida de muitas pessoas, conta as suas histórias. Todas essas vidas acabam por deixar vestígios na história de vida do próprio profissional.

Michael Schudson alude a competências que devem povoar os jornalistas: imaginação e representação. Interrogou-se sobre o que é «um repórter, porque nenhum repórter “obtem apenas os factos”. Os repórteres fabricam estórias. Fabricar não é falsificar, nem mentir, mas tão-pouco é um registo mecânico passivo. Não pode ser feito sem representação e imaginação.»^(v)

Exige honestidade e rigor. Além de dispor da cientificidade como atributo, é

imperativo que o jornalismo tenha por base conhecimento comprovado e tenha a ética e a deontologia como orientação.

AS EDITORIAS E OS GÉNEROS

Esta é a edição zero do Jornal Repórter. Embora não caracterize o mapeamento editorial planeado, constitui uma apresentação dos projetos editorial e gráfico. Em futuras edições o jornal disporá de seis grandes áreas editoriais: País, Mundo, Vidas, Sociedade, Cultura e Desporto e, ainda, a editoria de Fotografia.

Outras seis secções compõem a organização que apoia a redação do jornal e os seus serviços. São as seguintes: Revisão de estilo (que procede à revisão das peças jornalísticas destinadas à edição), Secretariado de redação (peça fundamental na organização da agenda

e na gestão da relação com os leitores), Centro de documentação (apoia a produção do trabalho jornalístico), Publicidade (angaria ou gere a carteira de anúncios a serem inseridos no jornal), Paginação (dispõe o texto em página, de acordo com o projeto gráfico) e Online (destinado a promover a difusão e a assegurar a colocação do jornal num sítio Internet).

Além do Estatuto Editorial (reproduzido na página 2), que se destina a regular a relação entre o jornal e os leitores, a redação dispõe do Código de Conduta Editorial, que regula internamente a atividade jornalística. É um

instrumento em que se estabelecem as regras que se aplicam à redação, quer no que respeita ao discurso produzido pelo meio de comunicação social quer aos procedimentos a adotar na pesquisa e cumprimento dos princípios éticos e

O jornalismo é um processo em que os seus profissionais, tal como Sísifo, recomeçam sempre de novo

deontológicos.

Os géneros informativos nucleares são aqueles que se vão cultivar nesta redação: notícia, reportagem e entrevista. Três géneros autónomos que dispõem de características próprias e que são solicitados em função do objetivo que se pretende atingir.

Realizou-se uma ação de formação inicial de seis horas destinada aos 45 estudantes que aderiram ao projeto. A produção de um jornal é uma obra coletiva e requer que todos os que a compõem prestem a sua parte do trabalho de forma responsável.

O jornalismo é um processo em que os seus profissionais, tal como Sísifo, recomeçam sempre de novo. Essa ação não implica repetição. Deve, pelo contrário, além do acompanhamento dos casos em curso, ser um sistema suscetível do ato criador.

Orlando César



(i) Lipmann, Walter (2003 [1922]). La opinión pública. Madrid: Editorial Cuadernos de Langre, p.289.
 (ii) Patterson, Thomas E. (2013). Informing The News. The need for knowledge-based journalism. New York: Vintage Books, p.64.
 (iii) Eça de Queiroz, aos 21 anos, no jornal Distrito de Évora, nº 1, 6/1/1867.
 (iv) Comunicação de Gabriel García Márquez proferida no dia 7 de outubro de 1996, em Los Angeles, perante a 52ª Assembleia Geral da Sociedade Interamericana de Imprensa.
 (v) Schudson, Michael (2000). The Power of News (4.ª ed.). Cambridge: Harvard University Press, p.96.

Número Zero

Sexta-feira, 10 de Abril

*Umberto Eco publicou em 2015 o romance Número Zero. Os números zeros de um jornal constituem edições de teste e de apresentação de um projecto editorial, antes do seu lançamento. O Número Zero de Eco abre-se, porém, a outra função. Esboça de forma sarcástica o ecossistema mediático italiano dos anos 90, o mundo de Berlusconi, o político e patrão dos media. Nele satiriza uma imprensa manipuladora e desonesta.**

Enquanto continuávamos a pensar o que incluir no número 0/1, Simeï abria amplos parênteses sobre alguns princípios essenciais para o trabalho de todos. «Colonna, esclareça um pouco os nossos amigos como se pode observar, ou mostrar que se observa, um princípio fundamental do jornalismo democrático: os factos separados das opiniões. Opiniões, no *Amanhã*, haverá muitíssimas, e evidenciadas como tais, mas como se demonstra que em outros artigos se citam apenas factos?»

«Simplicíssimo», dissera eu. «Olhem para os grandes jornais anglo-saxões. Se relatam, sei lá, um incêndio ou um acidente de viação, não podem evidentemente dizer o que pensam sobre isso. E, então, inserem no artigo, entre aspas, as declarações de uma testemunha, um homem da rua, um representante da opinião pública. Postas as aspas, aquelas afirmações tornam-se factos, ou seja, é um facto que aquele tipo exprimiu aquela opinião. No entanto, poder-se-ia supor que o jornalista terá dado voz apenas a quem pensa como ele. Portanto, haverá duas declarações, em contraste uma com a outra, para mostrar que é um facto que sobre um assunto existem opiniões diferentes – e o jornal dá conta deste facto incontestável. A astúcia está no pôr antes entre aspas uma opinião banal e, depois, uma outra opinião, mais elaborada, que se assemelha muito à opinião do jornalista. Assim, o leitor tem a impressão de ser informado acerca de dois factos, mas é induzido a aceitar uma única opinião como a mais convincente. Vamos dar um exemplo: um viaduto desabou, um camião precipitou-se e o motorista morreu. O texto, depois de relatar rigorosamente o facto, dirá: ouvimos o senhor Rossi, 42 anos, que tem um quiosque de jornais na esquina: ‘Que querem, são fatalidades’, disse, ‘lamento por aquele pobre homem, mas o destino é o destino.’ Logo a seguir, um senhor Bianchi, de 34 anos, pedreiro, que trabalhava num estaleiro ao lado, dirá: ‘A



Biblioteca de Umberto Eco, na casa de Milão, mais de 50 mil livros. Foto GDA, LaNación, Argentina, em 24 de outubro de 2012

culpa é da Câmara, já se sabia há muito que este viaduto tinha problemas.’ Com quem se identificará o leitor? Com quem se zanga com alguém ou alguma coisa, com quem aponta responsabilidades. Está claro? O problema é em quê e como pôr aspas. Vamos fazer alguns exercícios. Começemos por si, Costanza. Explodiu a bomba de Piazza Fontana.»

Costanza pensou um pouco no assunto, e depois: «O senhor Rossi, 41 anos, funcionário municipal, que poderia ter estado dentro do banco quando explodiu a bomba, disse-nos: ‘Eu não estava muito longe e ouvi a explosão. Horrível. Há por trás disto alguém que quer

pescar em águas turvas, mas nunca saberemos quem.’ O senhor Bianchi (50 anos, barbeiro) ia também a passar nas proximidades no momento do rebentamento, que recorda ensurdecedor e terrível, e comentou: ‘O típico atentado com o selo anarquista, não há dúvida.’» «Ótimo. Menina Fresia, chega a notícia da morte de Napoleão.»

«Bem, diria que o senhor Blanche, aceitemos como correctas a idade e a profissão, nos diz que talvez tenha sido injusto encerrar naquela ilha um homem já acabado, coitadinho, também ele tinha família. O senhor Manzoni, aliás, Manson, diz-nos: ‘Desapareceu um homem que mudou o mundo, do

Manzanares até ao Reno, um grande entre os grandes.’»

«Bom, o Manzanara», sorri Simeï. «Mas para fazer passar opiniões sem dar nas vistas também existem outros meios. Para saber o que pôr num jornal é preciso, como se diz nas outras redacções, estabelecer a agenda. Notícias para dar, neste mundo, há uma infinidade, mas porque se deve dizer que houve um acidente em Bergamo e ignorar que houve um outro em Messina? Não são as notícias que fazem o jornal, mas o jornal que faz as notícias. E saber juntar quatro notícias diferentes significa propor ao leitor uma quinta notícia. Eis um jornal diário de anteontem, a mesma página: Milão

– deita o filho recém-nascido na sanita; Pescara – o irmão não tem nada a ver com a morte de Davide; Amalfi – acusa de fraude a psicóloga a quem tinha confiado a filha anoréxica; Buscate – sai do reformatório ao fim de catorze anos o rapaz que aos quinze matou uma criança de oito. As quatro notícias aparecem todas na mesma página, e o título da página é ‘Sociedade Crianças Violência’. Certamente, fala-se de actos de violência nos quais está envolvido um menor, mas trata-se de fenómenos bastante diferentes. Num único caso (o infanticídio), trata-se de violência de pais sobre filhos, a questão da psicóloga não me parece que tenha a ver com as crianças, porque não se diz a idade desta filha anoréxica, a história do rapaz de Pescara prova, quando muito, que não houve violência e o rapaz morreu acidentalmente e, por fim, o caso de Buscate, lendo melhor, diz respeito a um homenzarrão de quase trinta anos, e a notícia verdadeira é de catorze anos atrás. O que nos queria dizer o jornal com esta página? Talvez nada de intencional, um redactor preguiçoso apanhou-se com quatro despachos de agências entre mãos e achou útil juntá-los, porque fazia mais efeito. Mas, de facto, o jornal transmite-nos uma ideia, um alarme, uma advertência – que sei eu ... E, em qualquer caso, pensem no leitor, tomadas uma por uma, cada uma destas quatro notícias tê-lo-ia deixado indiferente, todas as notícias juntas obrigam-no a quedar-se na página. Perceberam?

Umberto Eco

Eco, Umberto (2015). *Número Zero*. Lisboa: Gradiva.

* Excerto do capítulo V, páginas 45 a 47, do romance publicado em 2015, em Milão.

Umberto Eco

Umberto Eco nasceu a 5 de janeiro de 1932 em Alessandria, no noroeste de Itália, e faleceu em 19 de fevereiro de 2016 em Milão.

Foi professor de semiótica na Universidade de Bolonha e ao longo de meio século foi um acadêmico eminente, um ensaísta internacionalmente reputado, um escritor consagrado e um estudioso e crítico dos *media*.

“Apresento uma representação grotesca de um mau jornal que chantageia (...) e que é construído apenas na esperança de permitir aos seus patrões terem influência nos círculos económicos”. Foi com estas palavras que apresentou em Paris, em 12 de maio de 2015, o seu último romance, o *Número Zero*.

A origem do romance foi explicado pelo próprio nas muitas entrevistas que então concedeu. Durante anos escreveu artigos e ensaios dedicados aos jornais.

O material dessa crítica lúcida e mordaz serviu-lhe para fabricar o romance. A sua intenção era forçar a reflexão dos leitores.

Os jornalistas criados por Umberto Eco não produzem sequer um jornal. Simulam a edição de sucessivos números zero que tivessem o efeito de exercer chantagem e, em simultâneo, ganhar dinheiro.

Um jornal que se arroga de ser imparcial, mas que nada mais faz do que aproveitar uma ligação ambígua entre imprensa e poder. Eco expõe as más práticas jornalísticas, quer o mau uso de clichés quer as técnicas de influência, sob a capa da objetividade.

Umberto Eco estreou-se como romancista em 1980 com *O Nome da Rosa*. Em 1986, Jean-Jacques Annaud realizou um filme baseado nessa obra. O ator Sean Connery encarna o papel do padre franciscano William de Baskerville que, em 1327, com o seu aprendiz Adson von Melk viaja até uma abadia para investigar uma morte suspeita aí ocorrida.



Dossiê

81.905 residentes entre os 15 e os 24 anos

Jovens numa encruzilhada

Linhas difusas esboçam a encruzilhada percorrida por jovens da Península de Setúbal. Cruzam-se os caminhos dos que ficam em casa frente a um ecrã e os daqueles que optam por sair à rua e conviver com amigos. Mas convergem em algumas práticas, sobretudo desportivas.

Os dados recolhidos sobre a ocupação dos tempos livres dos jovens nos nove concelhos da região, que se publicam num dossiê de outras tantas reportagens, indicam tendências expressas ao Jornal Repórter por quem foi questionado.

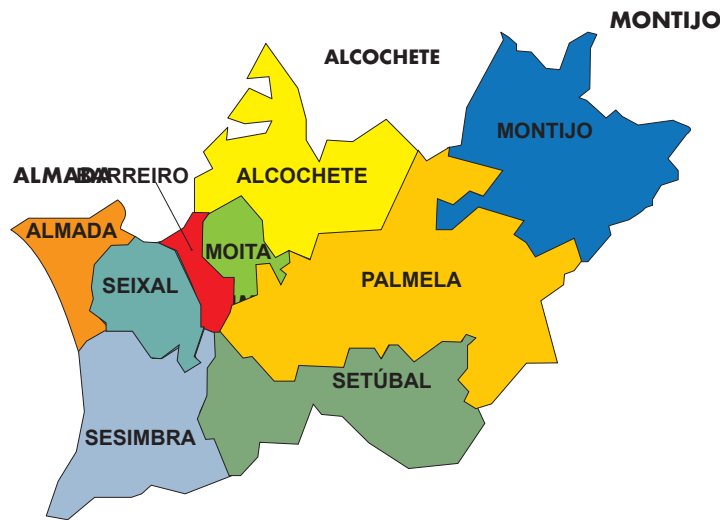
A Península de Setúbal é constituída por nove concelhos da margem sul do Tejo (Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Sesimbra e Setúbal). Integra a Área Metropolitana de Lisboa (AML), que é completada por outros tantos concelhos da margem norte (Amadora, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Odivelas, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira).

As duas margens da AML são simétricas no número de concelhos, mas desiguais no número de habitantes. No grupo etário dos 15 aos 24 anos, 81.905 jovens residem na sub-região da Península de Setúbal, enquanto 198.620 moram na sub-região das Grande Lisboa.

MAIS DE 100 MIL

Apenas três concelhos da Península de Setúbal têm mais de 100 mil habitantes. O número de residentes no de Almada ascende a 169.330, de acordo com dados de 2016 do Instituto Nacional de Estatística (INE). O concelho do Seixal chega aos 165.123 residentes e o de Setúbal ascende a 116.679.

Os restantes concelhos ficam abaixo desse número e, o de Alcochete, não chega aos 20 mil habitantes (ver quadros). A percentagem da população feminina é maioritária nos nove concelhos, variando entre 53,4 por cento, no Barreiro, e 51,2 por cento, em Sesimbra.



A densidade populacional na região apresenta diferenças muito significativas, o que está relacionado não só com a sua dimensão, mas também com a natureza da ocupação dos solos e com a sua estruturação funcional. Os concelhos com maior densidade são quatro, todos eles com frente de rio e ligações rápidas a Lisboa.

Almada tem uma densidade de 2.412 habitantes por quilómetro quadrado. Seguem-se o Barreiro (2.088), Seixal (1.729) e Moita (1.172). Dos restantes, só Setúbal – com 508 habitantes por quilómetro quadrado – ultrapassa a média da sub-região, que se situa em 481. O concelho com menor densidade é o de Palmela (138 hab/km2), seguido pelo de Alcochete (148) e do Montijo (160).

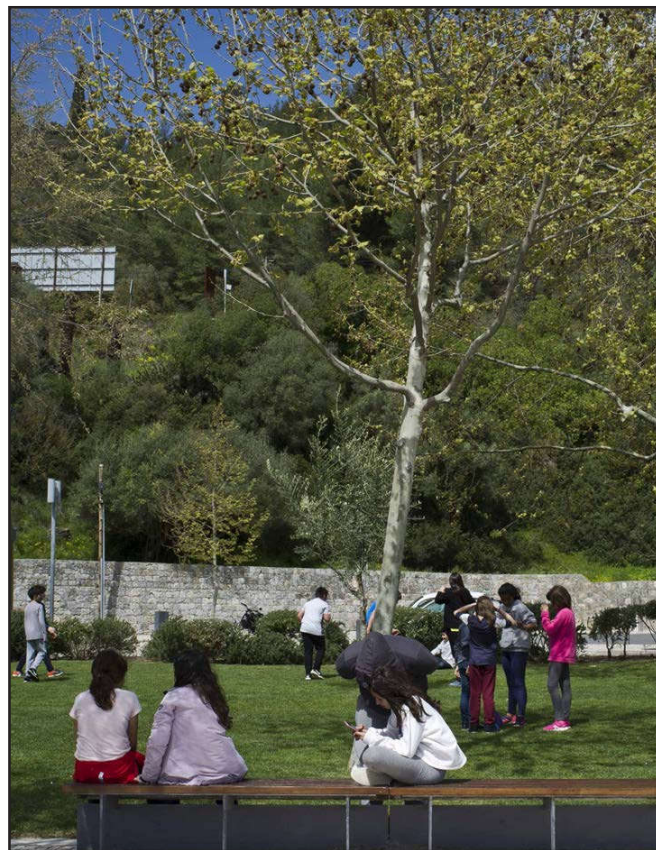
As atividades económicas desenvolvidas nos concelhos da Península de Setúbal abrangem a agricultura e a vitivinicultura, a indústria, incluindo a naval e a automóvel, o comércio, os serviços e o turismo.

JOVENS EM PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO

O concelho de Alcochete é aquele onde residem mais jovens dos 15 aos 24 anos em percentagem da população, de acordo com dados de 2016 do INE. São 12,1 por cento dos residentes, o que está acima da média da sub-região que é de 10,5 por cento. A percentagem mais baixa regista-se no Barreiro (9,4%).

No grupo etário até aos 14 anos, o valor mais alto em percentagem da população ocorre no Montijo (17%), concelho que também regista a maior percentagem no grupo etário dos 25 aos 64. O Barreiro apresenta a percentagem mais elevada no grupo etário com mais 65 anos.

Catorze repórteres foram para o terreno produzir o dossiê que se publica.



Adolescentes em Setúbal

© Luísa Ferreira

População residente, segundo o sexo

	Total		Total em %	
	HM	M	H	M
Portugal	10 309 573	47,4	52,6	
Continente	9 809 414	47,3	52,7	
A. M. Lisboa	2 821 349	46,9	53,1	
Península Setúbal	782 057	47,4	52,6	
Alcochete	19 020	47,8	52,2	
Almada	169 330	46,9	53,1	
Barreiro	75 978	46,6	53,4	
Moita	64 767	47,1	52,9	
Montijo	55 742	48,3	51,7	
Palmela	64 146	47,9	52,1	
Seixal	165 123	47,4	52,6	
Sesimbra	50 972	48,8	51,2	
Setúbal	116 979	47,3	52,7	

Fonte: INE, em 31/12/2016

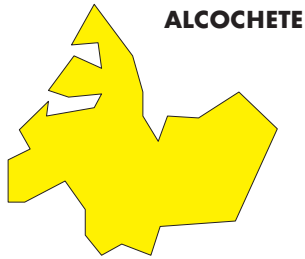
Densidade populacional

	Área Km2	Hab/ /km2
Península Setúbal	1625,26	481
Alcochete	128,36	148
Almada	70,21	2412
Barreiro	36,39	2088
Moita	55,26	1172
Montijo	348,62	160
Palmela	465,12	138
Seixal	95,5	1729
Sesimbra	195,47	261
Setúbal	230,33	508

População residente em percentagem do total, segundo os grandes grupos etários

	Total		0-14 anos	15-24	25-64	Mais 65
	HM	HM em %	HM em %	HM em %	HM em %	HM em %
Portugal	10 309 573	14,0	10,6	54,3	21,1	
Continente	9 809 414	13,9	10,5	54,1	21,4	
A. M. Lisboa	2 821 349	15,9	9,9	52,9	21,3	
Península Setúbal	782 057	15,7	10,5	53,6	20,3	
Alcochete	19 020	17,6	12,1	53,8	16,4	
Almada	169 330	15,1	10,2	52,2	22,6	
Barreiro	75 978	14,3	9,4	50,9	25,4	
Moita	64 767	15,6	10,6	54,1	19,8	
Montijo	55 742	17,0	10,3	55,7	16,9	
Palmela	64 146	16,0	11,2	53,9	19,0	
Seixal	165 123	15,7	10,4	55,4	18,5	
Sesimbra	50 972	16,8	11,7	54,8	16,8	
Setúbal	116 979	15,8	10,5	52,6	21,1	

Fonte: INE, em 31/12/2016


ALCOCHETE
Alcochete

Jovens têm voz no fórum

Alcochete tem uma identidade assente nas suas origens e tradições. Mas há disposição para chamar os jovens a terem voz ativa nas questões relacionadas com as atividades que lhe dizem respeito.

Para lá do Tejo, através da Ponte Vasco da Gama, avistamos Alcochete aquele que é o concelho, composto por três grandes freguesias: Alcochete, Samouco e São Francisco. Tem uma área de 128,36 km², onde residem 19.020 habitantes, dos quais 29,73 por cento tem menos de 25 anos.

Alcochete é um concelho que possui uma identidade assente, maioritariamente, na afirmação das suas origens históricas, nas tradições de cariz tauromáquico, onde o forcado, o campino e o salineiro são figuras de destaque, quer nas inigualáveis Festas do Barrete Verde e das Salinas, quer nas festividades religiosas relacionadas com o culto a São João Baptista, a Nossa Senhora da Vida, a Nossa Senhora do Carmo e a Nossa Senhora da Atalaia.

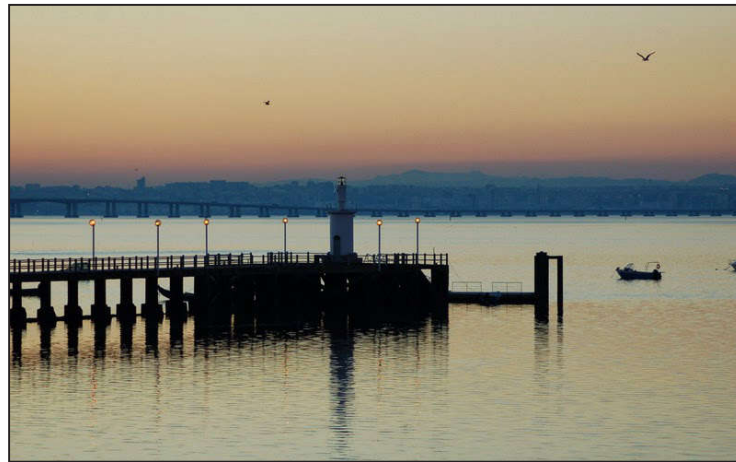
Este concelho moderno, tendo em conta as características da população, permite-lhes ver e contactar diretamente com a história: em cada monumento, casa senhorial ou até mesmo nas ruas. A história respira-se em cada esquina e é vivida com intensidade.

David Reis, técnico na área do desporto da Câmara Municipal de Alcochete, descreve Alcochete como um “município com características especiais”.

Afirma que só a partir de 2016 é que o Município realiza eventos direcionados para os jovens. Mas a Câmara ainda não atingiu o seu objetivo de “dar aos jovens uma voz ativa”. Garante, porém, que estão a ser desenvolvidos esforços para atingir esse objetivo, existindo já um plano a longo prazo para chegar a essa meta.

Um dos eventos já existentes, que é organizado pelas estruturas Juvenis do Concelho de Setúbal, é o Festival Liberdade. Esta iniciativa, que conta com o apoio da Associação de Municípios da Região de Setúbal e os municípios seus associados (Alcácer do Sal, Almada, Alcochete, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Santiago do Cacém, Seixal, Sesimbra e Setúbal).

Consiste num projeto regional que tem como intuito comemorar os valores da Liberdade e da Revolução de 25 de Abril. Neste evento, cada associação



Cais de Alcochete



Gil Teatro integra duas dimensões: teatro e arte circense



possui um pequeno *stand*, de forma a mostrar a todos os visitantes o tipo de atividades que se pratica, de forma a dinamizar os espaços e iniciativas. Para o técnico da área desportiva, o maior passo que a região de Alcochete deu na interação com os jovens foi a criação do Fórum da Juventude. Neste espaço são chamadas as associações juvenis que, juntamente com o executivo, debatem as principais questões relacionadas com as atividades a serem realizadas para os jovens.

É neste fórum que se decide quais são as principais iniciativas, em que se destaca o planeamento de atividades nas férias de verão. No Fórum da Juventude são debatidas todas as atividades a realizar, particularmente as que mais gostam de desenvolver durante a maior pausa escolar.

GIL TEATRO

Em Alcochete apenas existe uma associação de cariz juvenil inscrita no Registo Nacional de Associações Jovens (RNAJ), a Gil Teatro. As outras não o podem fazer por questões legais. Mas há a disposição por parte do Município em apoiar esses grupos informais para que se transformem em associações e se possam inscrever. Encontram-se nessa situação quer associações desportivas quer culturais. São exemplo os dois grupos de forcados

que existem em Alcochete, o Grupo de Forcados Amadores e o Grupo de Forcados do Aposento do Barrete Verde, mas também os grupos de sevilhanas. O principal grupo do município e aquele que tem maior fama são as Sevilhanas Rocieras de Alcochete.

A Gil Teatro, a única associação oficial, começou como um mero grupo de teatro escolar, que inicialmente apenas fazia peças nas escolas. Mais tarde foi criada a associação que evoluiu das peças de teatro para a animação de rua. Passou a integrar duas dimensões, o teatro e a arte circense.

A companhia celebra este ano o seu vigésimo aniversário. Continuam a pautar-se pelo objetivo a que se propuseram desde o primeiro dia. Apoiam os jovens com a finalidade de os afastar de problemas, motivando-os para estas atividades e explorando ao máximo todas as suas potencialidades e capacidades.

SEVILHANAS ROCIERAS

Alcochete é um município que vive da sua cultura. O melhor exemplo está na lotação esgotada do Fórum Cultural de Alcochete, nos dias 3 e 4 de março, durante os quais decorreu o Festival de Sevilhanas, organizado pelas Sevilhanas Rocieras de Alcochete.

Este festival já vai na sua nona edição, sempre com lotação esgotada. Neste

espetáculo são convidados vários grupos de bailarinas de sevilhanas de todos os cantos do país, no intuito de mostrarem a todas as escolas de dança e o seu grande apreço por este tipo de dança originária da região de Andaluzia, no país vizinho. Eliana Barrinha, uma das bailarinas principais das Sevilhanas Rocieras de Alcochete, garante que é um orgulho “estar neste grupo de pessoas maravilhosas”. Como uma das bailarinas mais antigas do grupo, Eliana Barrinha, de apenas 20 anos, afirma ser gratificante poder ensinar esta arte às crianças mais pequenas. Todos os anos as Sevilhanas contam com a entrada de pessoas novas na escola, sempre com o espírito e a vontade de aprender.

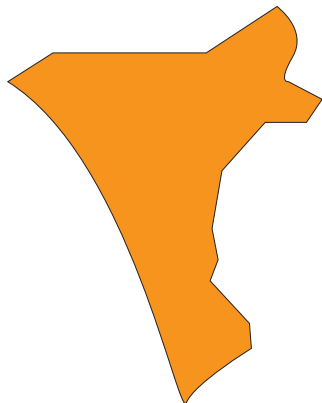
No âmbito desportivo, existe o Grupo Desportivo de Alcochete. Este grupo dispõe de várias modalidades, entre elas o futebol, o futsal, o ténis e o rugby. Todas as modalidades têm camadas juvenis, o que torna evidente a intenção do grupo desportivo dedicar-se aos jovens.

ACADEMIA DO SPORTING

Inaugurada a 21 de junho de 2002, a Academia do Sporting Clube de Portugal é um complexo desportivo com cerca de 250 mil metros quadrados, que atrai cada vez mais pessoas a Alcochete. A sede da formação verde e branca valorizou o município ao trazer ainda mais valores culturais e desportivos à região, principalmente aos jovens. Grande parte dos jovens jogadores da Academia estuda em Alcochete.

O facto de ser uma das melhores academias do mundo leva os jovens do município a tentarem a sua sorte. Em Alcochete já se formaram grandes talentos, desde Cristiano Ronaldo a Luís Figo. Qualquer jovem residente em Alcochete ambiciona um dia poder chegar aos grandes palcos que esses jogadores já alcançaram, sendo que Cristiano Ronaldo continua a alcançar. São ídolos para os jovens e Alcochete oferece as melhores condições para formar atletas de mais alto nível.

O concelho está focado em evoluir em prol dos jovens e sempre com a sua ajuda. Composto por uma parte significativa de população jovem, o município preocupa-se em motivar, através da cultura, mesmo os mais desinteressados. Como afirma David Reis, a promessa é “dar aos jovens uma voz ativa na sociedade”. Pequenos passos, grandes vitórias.



Almada

Jovens querem melhor futuro

Almada debruça-se sobre o rio à vista de Lisboa. É um concelho com uma população jovem significativa. E, nesta fase da vida repleta de descobertas e transformações, há jovens que têm como horizonte o televisor ou o computador, mas há outros que preferem sair de casa para ocupar os seus tempos livres.

A posição privilegiada que Almada ocupa no estuário do Tejo está na origem da fixação das populações desde tempos remotos, sendo então um dos principais portos. Hoje é sede de um município com uma área de 70,21 km² e uma população de 169.330 residentes, de acordo com dados de 2016 do Instituto Nacional de Estatísticas. Desde 2013, as 11 freguesias do concelho deram lugar a cinco juntas de freguesias, das quais dez freguesias agregadas em quatro uniões.

A população até aos 24 anos representa 25 por cento dos residentes. A rede escolar dispõe de mais de uma centena de escolas públicas. No ensino superior há dois estabelecimentos públicos, a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e a Escola Naval, e outros dois privados, o Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz e o Instituto Piaget.

Dispõe de equipamento cultural, em que se destaca a Biblioteca Central e a Biblioteca Municipal José Saramago. Mas tem outros espaços de cultura em que se contam três galerias de arte, três museus (Museu da Cidade, Museu Naval e Museu da Música Filarmónica), dois núcleos (Núcleo Medieval Moderno e Núcleo de Arqueologia e História) e ainda um auditório (Auditório Fernando Lopes Graça no Fórum Municipal Romeu Correia).

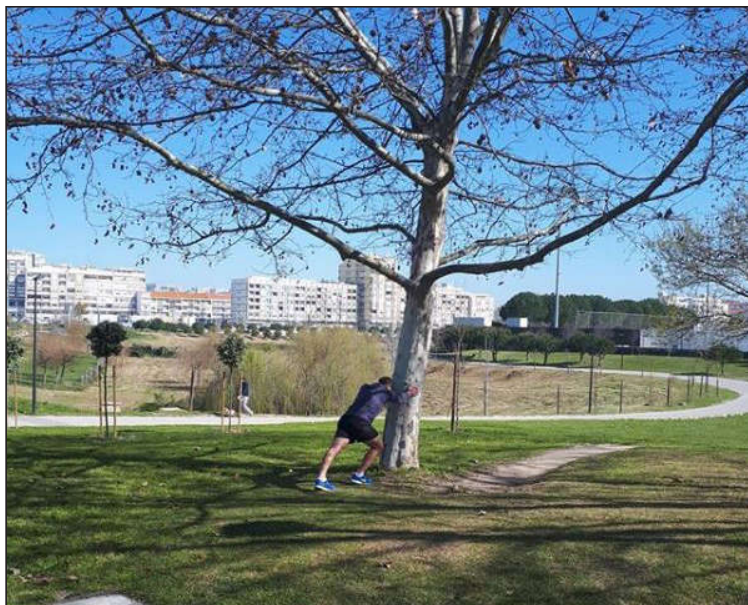
A cultura é um património marcante do município. Desenvolve-se em vários espaços como a centenária Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, fundada em 1 de Outubro de 1848, ou a Companhia de Teatro de Almada, já com 40 anos de existência e instalada no Teatro Municipal Joaquim Benite.

A banda filarmónica e a escola de música da Incrível Almadense e o Festival de Almada, que este ano organiza a sua 35.ª edição, constituem dois dos polos de produção cultural no concelho. Mas existem muitos outros disseminados por coletividade de cultura e recreio.

Além da fruição das diversas formas de arte, o município tem outros locais



Catarina Martins e Inês Costa



que acolhem visitantes e atraem turistas durante todo o ano. São os casos do Santuário Nacional de Cristo Rei, com o seu miradouro e capela, do Jardim e do Convento dos Capuchos, do Monte da Cruz e da Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica.

Há muitos outros percursos para descobrir. Em Almada Velha, o passeio pode conduzir o residente ou o visitante até ao Elevador Panorâmico da Boca do Vento. Se o descerem irão dar a um jardim, onde se pode descontrair e relaxar com os amigos, mas também iniciar outro itinerário pelo Cais do Ginjal.

Deixando para trás o rio, há sempre outras águas para admirar. Seria impossível não reconhecer as praias que abrangem cerca de 13 quilómetros da costa portuguesa e onde se praticam variados desportos aquáticos, como surf, windsurf, kit-surf e bodyboard. Além da praia, dos bares e restaurantes com gastronomia local, a Costa da Caparica tem desde 2014 uma outra atração,

o Sol da Caparica, um festival de verão que tem como palco o parque de Santo António.

OS JOVENS FALAM POR SI

Saimos à rua e perguntámos aos mais jovens como estes passam o seu tempo. Catarina Martins, uma jovem de 18 anos, presença assídua no ginásio do Complexo Municipal dos Desportos, no Feijó, contou que vive grande parte dos seus tempos livres neste estabelecimento. Em primeiro lugar porque queria desenvolver um estilo mais saudável e, posteriormente, à medida que o espaço se tornou mais importante na sua vida, por puro prazer e divertimento.

Ao ser um local perto de casa, Catarina diz que não precisa de arranjar desculpas para não cumprir com esta prática, onde as instalações e os equipamentos disponíveis também motivam a comunidade a participar. Reconhece que há

cada vez mais jovens a quererem praticar voluntariamente exercício físico, de grande importância para todas as idades.

Um grupo de jovens com idades entre os 18 e os 20 anos disseram que passam a maior parte das tardes a explorar o que a zona ribeirinha da cidade de Almada tem de melhor. Os excelentes cafés, gelatarias e creperias situam-se perto do Cais do Ginjal, em Cacilhas, e os jovens costumam desfrutar de um bom passeio acompanhado de um lanche nesta zona. Revelaram também interesse num outro local, o Parque da Paz, e referiram-no como o sítio “mais verde” de Almada.

Conversámos também com Marco Almeida, “caminheiro” dos Escoteiros da freguesia do Feijó (Agrupamento 461) desde os sete anos de idade. Agora com 19, declarou que o escotismo tem tido uma grande importância na sua vida, investindo mais neste movimento nos seus tempos livres, o que lhe tem proporcionado ensinamentos e desafios para toda a vida. Aí conheceu imensas pessoas que lhe garantiram momentos bem passados.

Guilherme Coelho, de 16 anos, foca-se no verão e nos festivais em que é presença frequente. Destacou o festival Sol da Caparica que toma lugar no parque de Santo António, na Costa da Caparica. Garante que o preço acessível dos bilhetes torna este evento de música e entretenimento ao vivo digno e merecedor de ser presenciado.

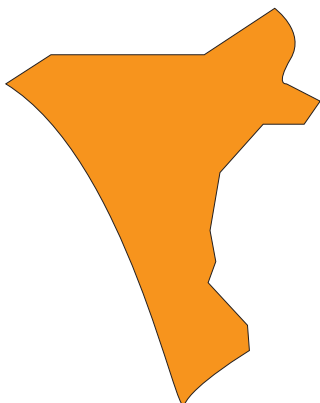
Já Inês Costa, de 19 anos, manifestou o seu desagrado pela vida noturna da cidade. Segundo Inês, os transportes acabam cedo e há poucos locais de diversão. Afirmou que, por diversas vezes, prefere descolar-se para Lisboa ou ficar próximo do local onde vive, Santa Marta de Corroios, que tem cafés simpáticos. No verão, vai todos os dias às Festas de Corroios.

POR FIM...

Há que evidenciar que uma grande parte dos jovens ainda prefere ficar em casa e gastar os tempos livres a ver televisão ou ao computador, mas é necessário reconhecer que isto não se trata de uma regra geral.

Os jovens querem o melhor para o seu futuro, tanto profissional como social. As experiências em que investem garantem-lhes competências que talvez escasseassem às gerações anteriores. “É importante sair de casa e não há tempo a perder”, dizem duas jovens.

Filipa Martins e Joana Sena



Jovens aderem ao desporto e cultura

Os jovens aderem sobretudo a atividades desportivas e culturais, bem como a organizações de escotismo, rondando aproximadamente os mil inscritos. A afirmação é de António Silva, técnico superior da Divisão de Juventude da Câmara Municipal de Almada, que a faz com base na observação da participação em atividades específicas de iniciativas municipais.

Questionado sobre a participação dos jovens em atividades relacionadas com as artes, alude que a participação nas áreas da dança e música é bastante alargada, contando com a presença desde crianças a jovens até, essencialmente, aos 25 anos, nomeadamente em academias e coletividades. Já a área do teatro, pintura e arte urbana conta com jovens mais adolescentes.

A pesquisa a programas municipais mais direcionados e aconselhados a jovens relevou-se positiva. A lista desses programas reúne vários estabelecimentos e entidades. Um dos programas mais emblemáticos do concelho é o Mês da Juventude, de acesso



gratuito, que permite a experimentação de um conjunto de atividades e assistir a espetáculos relacionados com diferentes áreas temáticas.

Também a Mostra de Música Moderna de Almada e a Mostra de Graffiti de Almada tendem a dar importância a espetáculos e às intervenções artísticas dos mais jovens. O primeiro estimula e consolida os grupos musicais já existentes bem como novos projetos e dá-lhes visibilidade. O segundo qualifica o graffiti como arte urbana informal

e estimula a intervenção artística dos jovens ao mesmo tempo que sensibiliza a comunidade.

Já relacionado com a formação de pessoal e necessidades do concelho, agrupam-se quatro programas: o Concurso Jovens Talentos, que procura incentivar a criatividade e inovação dos mais jovens para que estes realizem produções que possam vir a satisfazer as carências do município; o Programa Almada Juventude, que permite a apresentação de projetos com apoio financeiro, técnico

e logístico que ajudem na sua implementação; a Revista P'ALMADA, que proporciona a participação na produção de conteúdos jornalísticos e desenvolve competências na área da comunicação social, fotografia, poesia, design gráfico, etc; e, por último, o Plano Anual de Formação, que disponibiliza gratuitamente um conjunto de formações com e sem certificado.

Filipa Martins e Joana Sena

Cultura e Desporto

Com base na observação de participação em atividades específicas de iniciativas municipais, a Câmara Municipal de Almada afirma que os jovens aderem sobretudo a atividades desportivas e culturais, bem como a organizações de escotismo rondando aproximadamente os mil inscritos.

Questionada sobre a participação dos jovens em atividades relacionadas com as Artes, que a participação nas áreas da Dança e Música é bastante alargada,

contando com a presença de crianças, adolescentes e jovens até essencialmente aos 25 anos, nomeadamente em academias e coletividades. Já a área do Teatro, Pintura e Arte Urbana conta com jovens a partir da adolescência.

Questionámo-nos sobre quais os programas municipais mais direcionados e aconselhados aos jovens, rezeando a sua decadência. Esta pesquisa relevou-se positiva quando observámos que a lista destes programas reunia vários estabelecimentos e entidades: o Mês da Juventude, de acesso gratuito, permite a experi-

mentação de um conjunto de atividades e assistir a espetáculos de diferentes áreas temáticas; o Programa Almada Juventude, que permite a apresentação de projetos com apoio financeiro, técnico e logístico para a sua implementação; o Concurso Jovens Talentos, que procura incentivar a criatividade e inovação dos mais jovens que realizam produtos tendo em conta as necessidades do Concelho; a Mostra de Música Moderna de Almada, que estimula e consolida os grupos musicais já existentes bem como os novos projetos, dando-lhes visibili-

dade; a Mostra de Graffiti de Almada, que qualifica o graffiti como arte urbana informal estimulando a intervenção artística dos jovens e a sensibilização da comunidade para estas tendências; a Revista P'ALMADA, que proporciona a participação na produção de conteúdos jornalísticos e desenvolve competências na área da comunicação social, fotografia, poesia, design gráfico, etc; e por último, o Plano Anual de Formação, que disponibiliza de forma gratuita de um conjunto de formações com e sem certificado.

PUB

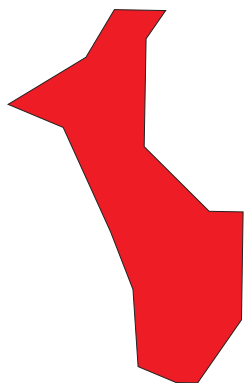
SEMANA INTERNACIONAL TEATRO "MIMICAS QUOTIDIANAS"

Daily Mimics
Teatro Politécnico IPS @ School of Education
theater room L2
Actresses: Cidália Jesus, Inês Jones Lourenço and Cláudia Lemos
Students of Translating and Interpreting in Portuguese Sign Language Degree
Direction: Barbara Pollastri and José Gil
Assist. Eliana Silva. ESE/IPS, Portugal

19 Abril 2018-16,30h

Informações e inscrições de actores atrizes e produtores:
teatro.politecnico@ips.pt





Barreiro

A opção do ar livre e os passeios na avenida

Os jovens preferem fazer passeios nos parques ou na avenida da praia. Mas há quem fique em casa na companhia dos seus dispositivos tecnológicos. A autarquia intenta organizar atividades que atraiam os jovens. De ano para ano “perdemos jovens”, afirma um assessor municipal

O município do Barreiro tem uma área de 36,39km² e nele residem 75.978 habitantes, de acordo com dados de 2016 do Instituto Nacional de Estatísticas. Das oito antigas freguesias, sete passaram a estar integradas em três uniões de freguesia e uma manteve-se autónoma. Mafalda Glória, uma jovem de 18 anos, residente no concelho, afirma que “a maioria dos jovens prefere fazer passeios nos parques, na avenida da praia (uma das principais avenidas do concelho) ou frequentar os cafés para comer e beber algo ou simplesmente estar com os amigos”.

Acrescenta que, relativamente à oferta disponível no concelho, não conhece “muitas atividades, a não ser a iniciativa das bicicletas, em que os jovens podem andar gratuitamente” nos velocípedes fornecidos pela Câmara Municipal.

João Canhoto, também de 18 anos, natural do Barreiro, afirma que “os jovens ocupam-se hoje de diversas maneiras, desde passeios na rua, jogar à bola ou até simplesmente estar em casa com os seus dispositivos tecnológicos”. Acrescenta que “existem diversos espaços onde os jovens se podem ocupar”. Alude a associações coletivas, onde se praticam vários desportos, mas também à hipótese de passar “uma tarde na esplanada de um café a estudar ou a conversar”.

Com 19 anos, Jéssica Pinheiro, residente no Barreiro, exprime ideias semelhantes aos outros entrevistados. Refere que “os jovens ocupam os seus tempos a andar de skate, bicicleta, a caminhar pela avenida da praia e que aproveitam os espaços mais interessantes do concelho, como os murais do Barreiro velho (uma zona da cidade mais antiga), para tirar diversas fotografias”.

Salienta que à noite existe imensa vida que quase ninguém conhece. “O concelho tem vários bares fantásticos para diversão longe de qualquer tipo de confusões, existindo sempre segurança”. Quanto a outras atividades afirma não ter muito conhecimento. Mas sabe que “a Câmara está a começar a patrocinar algumas coisas, como por exemplo as bicicletas, que podem ser usadas gratuitamente para os habitantes poderem dar passeios”.

Duas gémeas, a Catarina e a Carolina Brito, de 19 anos, também se pronunciam. Residem no Barreiro e a Catarina afirma que “os jovens ocupam os seus tempos livres a fazer exercícios, tanto ao ar livre como em ginásios, saem com os amigos e vão ao cinema frequentemente”.

Carolina exprime uma opinião diferente

Os Bairros Operários e “Correntezas Operárias”, que existem ainda no Barreiro, são imóveis que apresentam alto valor histórico-patrimonial. Trata-se de conjuntos únicos, representativos de uma época, com uma função muito específica: o alojamento operário.

Atualmente, barreirenses agradecem o facto de Alfredo da Silva ter impulsionado o Barreiro, quer em termos económicos e em postos de trabalho. Com isto cresceu um clima de importância e respeito à volta do industrial, que se impôs em diversas esferas portuguesas. Não atuou apenas na CUF, mas a sua participação teve também dinamismo e relevância na vida política.

Apesar de o concelho evidenciar um elevado envelhecimento demográfico, procura satisfazer as necessidades atuais dos jovens. Conta com o apoio do Es-

tem vários clubes desportivos como o Futebol Clube Barreirense, o Grupo Desportivo Fabril, o Futebol Clube Luso, Galitos Futebol Clube e o Grupo Desportivo Escola Secundária de Santo André (GDESSA), onde não são só conhecidos pelo futebol mas também por outras modalidades como basquetebol, futsal, trampolins, atletismo entre outras.

A maioria dos jovens sabe que nestes clubes do Barreiro têm visibilidade suficiente para se transferirem para os “grandes” portugueses pois os clubes barreirenses disputam a Primeira Liga da maioria das competições e assim podem reconhecer o valor dos jovens que atuam nos clubes barreirenses.

Os jovens têm também actividades ativas de verão como, por exemplo a Festa do Barreiro, que decorre no mês



Catarina e Carolina Brito, Jessica Pinheiro, João Canhoto, Mafalda Glória e Tiago Sousa Santos

da dos outros entrevistados. Opina que “não há assim tantas atividades, mas os jovens têm vários espaços onde podem praticar desporto, tal como no parque da cidade e na avenida da praia”.

CONCELHO INDUSTRIAL

O Barreiro é um concelho situado no distrito de Setúbal. É conhecido pelo seu desenvolvimento industrial no século passado, devido a Alfredo da Silva, um industrial e fundador de várias empresas emblemáticas como a Companhia União Fabril (CUF), que nasceu em 1871 e morreu em Sintra em 1942. Criou vários postos de trabalho e melhorou significativamente a vida na cidade, numa época em que o país não se apresentava nas melhores condições financeiras.

As primeiras construções destinadas a albergar trabalhadores não naturais do Barreiro, nomeadamente ferroviários, surgiram junto ao Alto do José Ferreira. Nos finais do século XIX e início do século XX, com a chegada dos corticeiros e pessoal para a CUF são construídas as primeiras “Correntezas Operárias”, na Rua Marquês de Pombal e Largo Alexandre Herculano.

O desenvolvimento da experiência industrial da CUF gera poderosas dinâmicas de atração populacional. Milhares de pessoas afluem ao Barreiro, que oferece perspetivas de trabalho e vida melhor.

paço J - Gabinete da Juventude, situado numa zona mais central da cidade, o qual visa responder a diversas áreas como educação, novas tecnologias, produção artística, música, formação, emprego, saúde, entre outras que despertem o interesse dos jovens da cidade.

DUAS DATAS EM MARÇO

Tiago Sousa Santos, assessor do vereador da Juventude, abordou as atividades que existem para os jovens no concelho, designadamente a Quinzena da Juventude. Decorre em março, mês em que são assinaladas duas datas históricas para a juventude: 24 de março, que é o Dia do Estudante, e 28 de março, o Dia Nacional da Juventude.

Conta com aproximadamente 38 projetos no âmbito da arte, música, desporto, jogos de consola, um espectáculo de stand-up, um encontro de tunas da Escola Superior de Tecnologia do Barreiro (EST-Barreiro), a apresentação de um álbum, um festival vegan fest, um workshop de serigrafia e construção de um microintetizador, entre outras.

É também organizada uma actividade, em parceria com o Conselho Nacional da Juventude, onde se procura auscultar os jovens sobre a Europa, através de vários questionários.

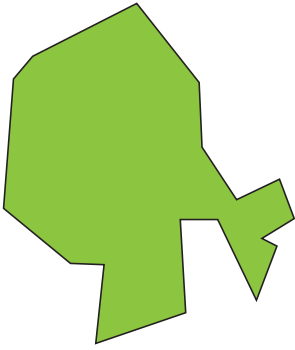
O Gabinete investe no movimento associativo juvenil para melhorar a vida nocturna dos jovens. No Barreiro, exis-

de Agosto. Nela atuam vários artistas conhecidos, há locais onde se pode comer e máquinas de diversão para as crianças e adolescentes (como, por exemplo, carrinhos de choque e carroséis). Mas existem ainda bancas de vários partidos políticos e associações. Também decorre no verão a Festa da Moita, que é conhecida pelas várias largadas, o que atrai a maioria dos jovens.

“De ano para ano nós perdemos jovens”, frase proferida pelo assessor Tiago Santos, que denota uma clara preocupação em evitar que os jovens deixem o Barreiro ou impeça outros de escolherem o concelho para residir ou para se divertirem. A população está envelhecida e é necessário renovar as gerações.

“Se continuarmos a perder jovens, como temos perdido até agora, no futuro vamos ter um grande problema demográfico, com uma população muito envelhecida para poucos jovens”. Aludiu também aos bairros problemáticos da cidade e à necessidade de todo o concelho ter mais protecção para que os jovens se sintam seguros.

“Tem de haver uma intervenção nesses bairros, porque a maior parte dos moradores são pessoas com carências económicas e educativas e tem de haver aí um trabalho de integração” e desenvolvimento social.


Moita

Algo útil antes que o dia termine



Passeio junto aos barcos

Um residente do concelho da Moita tem a convicção de que é preciso fazer algo útil todos os dias. Outro sustenta a importância de colocar a “mão na massa” como uma das formas de crescer e amadurecer.

Abril na Moita é tempo de festas marcantes para todo o concelho, a época da Quinzena da Juventude e da tão aguardada comemoração do 25 de Abril e, portanto, as atenções da população local são voltadas para estas festividades. “Se não tivéssemos uma quinzena da juventude ou a tarde do fogareiro, seríamos puto a viver numa localidade maioritariamente velha”, afirmou Miguel Correia, aluno do 12º ano na Escola Técnica Profissional da Moita.

Mediante a sua declaração espontânea, os restantes colegas, três rapazes e cinco raparigas, exprimiram a mesma opinião. Na Moita os adolescentes estão em menor número do que a terceira idade e a convivência conjunta só ocorre em grandes festejos como a festa da Moita, em Setembro, ou outros eventos promovidos pela Câmara Municipal.

O município, segundo o censo de 2011 do Instituto Nacional de Estatística, sofreu, em comparação com 2001, uma redução populacional nos grupos etários 0-14, 15-24 e 25-64, sendo que a maior expressão verificada é dos 15-24, com uma diminuição de 2.890 habitantes. Por outro lado, aumentou em 2.590 o número de habitantes maiores de 65 anos, na mesma década.

Os dados confirmam envelhecimento da população no concelho, como referiram os miúdos. Logo, afirmaram que para passar o tempo não faziam uma atividade específica, propunham-se explorar as opções e realizar o que lhes

dava na “gana”. Dessa opção surgiram modalidades como futebol, aulas de canto, karaté, zumba e teatro.

Para o nicho de alunos da Escola Técnica Profissional da Moita, que há 20 minutos continuavam de pé na paragem, esperando ansiosamente o autocarro, fazer alguma coisa aprazível depois das aulas é imprescindível. Uma espécie de *break* ou terapia ocupacional. Mais importante do que se aterem a uma atividade específica, a conclusão unânime entre os presentes é sair de casa, conviver e estar ativo, independentemente da ocupação.

PRÁTICAS ARTÍSTICAS E DESPORTIVAS

Muitos jovens recorrem a instituições como o Ginásio Atlético Clube na Baixa da Banheira para praticar aeróbica, halterofilismo, pilatos, capoeira e os diferentes estilos de danças (desde contemporânea a hip-hop).

Diamantino Cabrita, secretário geral, mencionou que “hoje os jovens não frequentam o Ginásio como um ponto de encontro, mas para atividades específicas. Vêm, praticam e vão para



Diamantino Cabrita e Adriano Diouf

casa.” Recordou o passado do Ginásio e disse com saudosismo que “nos anos 60 e 70 era um ponto de encontro para os bailes”.

Mas o índice de jovens inscritos na coletividade é ainda bastante significativo, muito porque a sua localização é favorável. Um número superior a 60 por cento dos adolescentes residentes na Baixa da Banheira, Alhos Vedros e Vale da Amoreira frequentam as instalações e participam também nos campeonatos nacionais e internacionais.

Wilson Pedro, residente na freguesia do Vale da Amoreira, é o campeão nacional dos 60 metros no Campeonato Nacional de Esperanças e é um adepto da perseverança dos mais novos. Para ele, propor-se todos os dias a fazer algo útil e que possa ser reconhecida é importante e confere a possibilidade de conquistar muita coisa. Como ele, outros jovens usufruem de equipamentos culturais adequados às suas aptidões e escolhas. O Centro de Experimentação na freguesia do Vale da Amoreira é um deles. Possui um espaço agradável para acolher a juventude e tem Jéssica Isabela Tavares Ribeiro, de 22 anos, como frequentadora.

“Nos meus tempos livres vou ao centro praticar piano”, disse. Uma das vantagens do Centro de Experimentação é a facilidade com que os jovens podem utilizar os equipamentos e espaços. Jéssica Ribeiro lamenta, visivelmente afetada, que a maior parte do concelho da Moita não conheça a existência

desse equipamento cultural. Acrescenta que estar saudável depende de como se cuida da mente e do corpo.

De todas as freguesias, a mais jovial é a do Vale da Amoreira. Nas ruas dos quatro bairros da localidade encontram-se infantojuvenis a realizar pequenos torneios de futebol, outros parados em becos como *nem-nens* – nem estudam nem trabalham – e transeuntes com idades acima dos 13 anos.

MELHOR FORMA DE SER JOVEM

Toda essa variedade de estilos, comportamentos e ações são, de acordo com Adriano Diouf, de 28 anos, “a melhor forma de ser jovem. Erre-se ou não, vale a pena sair do sofá e fazer alguma coisa que tenha algum sentido.” Adriano Diouf, finalista da 4ª edição dos Ídolos, habita na freguesia do Vale da Amoreira há mais anos do que consegue contar e refere a importância de colocar a “mão na massa” como uma das formas de crescer e amadurecer.

“Sou tudo o que fiz de mim ao longo dos anos”. Acrescenta que nada tem “contra quem fica o dia inteiro em frente à televisão ou no computador a verificar a conta nas redes sociais”. Acha, porém, que “na vida não podemos perder tempo” e, “infelizmente, o dia só tem 24 horas!”.

Durante três dias, embora nessa primeira semana do mês a chuva tivesse fechado o tempo, os jovens das freguesias do concelho estiveram sobre plena observação. Na Vila Chá, a percentagem de adolescentes é quase tão reduzida quanto em Alhos Vedros. Não se pôde ter a noção exata de como ocupam os seus tempos, muitos preferiram evitar perguntas e não revelar nada de si mesmos.

Manuel da Silva, 65 anos e residente em Alhos Vedros, disse que a vila é mais habitada por idosos e não oferece muitos atrativos aos “miúdos”. Após a conversa com este velho e simpático residente, fica a ideia de que desde os anos 70 a população pouco variou. Reúnem-se todos no pequeno café junto à praça.

Estas histórias de rapazes e raparigas, que ainda não alcançaram os trinta e falaram sobre as suas experiências pessoais, dizem muito sobre a noção e importância de estar ocupado em qualquer atividade que seja. Reconhecem e interiorizam que os jovens devem ocupar o tempo de uma forma organizada e orientada.

Adriano Diouf insiste na necessidade de estarem inseridos em equipamentos culturais da região. No seu tom de voz convincente e motivador, questiona: “Penso que atualmente temos à disposição várias instituições que oferecem imensas possibilidades, por que não aproveitar?”

**Alexandre Saramago,
Madiu Furtado e Sara Cabrita**



Centro de Experimentação Artística no Vale da Amoreira



MONTIJO Montijo

O isco digital e a inação real

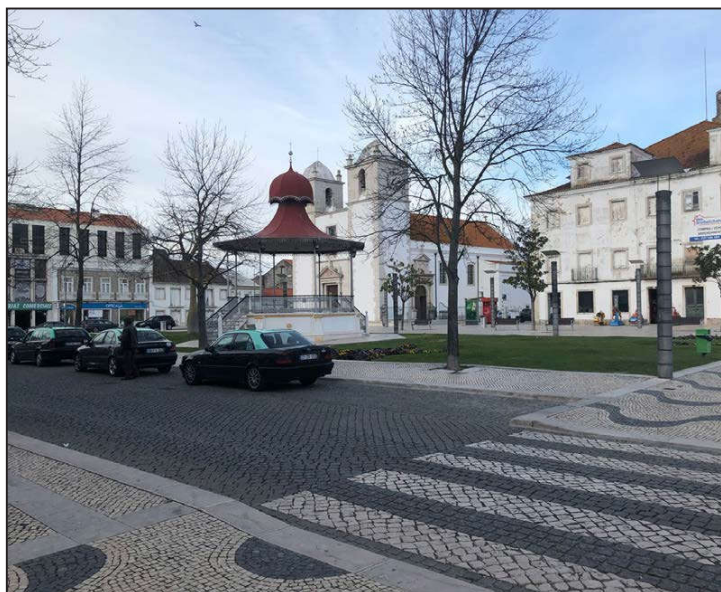


A evolução tecnológica criou nos jovens uma dependência de aparelhos electrónicos e outro tipo de conteúdos que tem vindo a refletir-se num crescimento exponencial do sedentarismo. Cada vez mais os jovens são atraídos pelo isco digital.

Preferem ocupar o tempo em que não estão na escola sentados frente ao computador ou à televisão, ao invés de desenvolverem atividades desportivas ou culturais que contribuam para o seu crescimento social, físico e intelectual. Muitas vezes constitui um problema não só para si próprios, como para os seus educadores.

O concelho do Montijo, situado no distrito de Setúbal, é composto, segundo o Censos 2011, por 51.222 habitantes, distribuídos por uma área de 348,62 km². Terra de fortes tradições, sobretudo ligadas ao mar, oferece aos seus habitantes e a quem a visita espaços distintos como a Praça da República, situada no coração da cidade e na qual está presente uma parte significativa do património edificado, desde logo a Igreja Matriz, uma construção do século XV que se destaca pela sua imponência, ou o Parque Municipal Carlos Loureiro, um amplo espaço verde reconstruído em 1952, propício às mais diversas atividades lúdicas.

Desde a inauguração da Ponte Vasco da Gama, em 1998, a cidade tem sofrido profundas alterações em termos geo-



Centro do Montijo

gráficos. A proximidade a Lisboa desencadeou um acréscimo da população residente, que se traduziu numa reorganização dos espaços públicos e dos serviços ao dispor dos cidadãos. Uma das partes da população mais afetadas pelo crescimento do Montijo foram os jovens, que têm atualmente a possibilidade de se deslocar à capital do país para desenvolverem as suas atividades profissionais e pessoais, dada a proximidade geográfica e o fácil acesso. De alguma forma, este aspecto poderá ter influência na sua participação na vida ativa do concelho e na forma como ali ocupam os seus tempos livres. Ao traçar um olhar pelo que o concelho do Montijo tem para oferecer às gerações futuras, importava saber de que forma os jovens ocupam os seus tempos livres.



Zona urbana

que não acontece. Muitos deles têm potencial para oferecer mais aos jovens».

Miguel Costa é trabalhador na Auto Europa e faz do desporto a sua ocupação em tempos livres. Confessa que espaços como a Frente Ribeirinha ou o Parque Municipal, onde gosta de passear, estão mal aproveitados e acabam por tornar o Montijo «uma cidade monótona», o que muitas vezes o leva a procurar outros locais. «Durante o dia, por exemplo, para quem está sempre cá, como é o meu caso, o Montijo acaba por tornar-se aborrecido. As coisas são sempre iguais, não há nada inovador».

Tiago Correia partilha desta ideia e considera que eventos realizados recentemente, como o Carnaval, são um exemplo de atividades dinâmicas que deveriam realizar-se mais frequentemente, pois suscitam a adesão por parte dos jovens, que durante aqueles dias saíram à rua para festejar e conviver nas ruas da cidade.

UM ESPAÇO SEM PÚBLICO

Conhecida até há poucos anos por ser uma cidade industrializada, na qual imperavam essencialmente os negócios nas áreas da cortiça e da suinicultura, o Montijo era também um espaço de convivência constante, feita essencialmente nas ruas da cidade, quer nos espaços comerciais quer nos públicos, onde se destacava a Praça da República, situada no seu coração.

Diz quem o viu, que há cerca de trinta, quarenta ou cinquenta anos era frequente ver o centro da cidade repleto de pessoas de todas as faixas etárias. Atualmente, o cenário já não é este.

Se durante o dia ainda podemos observar o movimento provocado pela azáfama diária do comércio tradicional, sobretudo à noite vemos um Montijo que parece por vezes abandonado, tal é a ausência de pessoas e sobretudo jovens, que optam por estar concentrados em dois ou três locais específicos, sobretudo cafés e bares. Tiago Correia, estudante, ocupa grande parte dos seus tempos livres no convívio entre amigos em bares e cafés da cidade. Considera que a este nível a oferta tem aumentado e dispõe hoje de espaços onde gosta de se encontrar com amigos para jantar ou beber um café. «Ainda agora abriu uma nova pizzaria, o que para nós jovens é muito bom», diz o jovem montijense.

No entanto, há quem considere que os estabelecimentos comerciais onde os jovens se concentram, poderiam ter melhor qualidade dada a adesão dos jovens a este tipo de espaços. Catarina Ferreira, estudante, é da opinião que «os bares e cafés podiam ser melhor explorados, o

OFERTA SEM DIVULGAÇÃO

A nível cultural e desportivo, analisando as infra-estruturas e instituições que os jovens de Montijo têm ao seu dispor para ocupação de tempos livres, de facto a oferta é alargada e há muito por onde escolher. O número de clubes e associações culturais onde os jovens podem praticar diversas atividades é elevado e variado.

No entanto, para Rita Manuel, estudante de 21 anos e praticante de piano numa das instituições culturais da cidade, esta oferta é pouco divulgada e muitas vezes inacessível para alguns jovens. Para a jovem estudante, «a divulgação de todas as opções que são oferecidas a jovens poderia ser melhorada e os preços praticados poderiam ser diminuídos para jovens cujas possibilidades financeiras os impedem de participar em tais atividades. Talvez faça falta uma ajuda por parte do município para apoiar esses jovens nas suas atividades».

De resto, para Catarina Ferreira, que nos seus tempos livres opta por praticar natação nas piscinas municipais, esta inacessibilidade é motivada pelo facto de a maior parte das atividades serem promovidas por entidades privadas, o que leva à prática de preços elevados. Para a estudante, «a maior parte das atividades são oferecidas por privados, razão pela qual os preços são mais altos. A Câmara Municipal devia oferecer mais atividades, para que os jovens com menos possibilidades pudessem praticar uma atividade extra-curricular cultural ou desportiva.»

A nível de espaços públicos, a cidade dispõe de um conjunto de áreas que permitem aos jovens ocupar os tempos livres, desde campos de futebol a ciclovias, passando por ginásios, pis-



Zona junto ao rio

MONTIJO



cinas municipais e pavilhões multidesportivos, algo em que Tiago Correia, estudante, considera ter existido um grande investimento «A construção de ginásios, por exemplo, tem sido uma aposta forte que claramente favorece os jovens», refere o jovem montijense. Miguel Costa é também da mesma opinião, referindo que para uma pessoa que goste de praticar desporto, o Montijo é a cidade ideal.

Mas nem só de espaços desportivos esta é feita. A antiga Aldeia Gallega do Ribatejo tem sido ao longo de décadas o berço de inúmeros artistas, possuindo um conjunto de infraestruturas onde os jovens podem aprender música ou assistir a espetáculos, ainda que poucos. No entanto, o jovem, que concilia os estudos com o canto do Fado, considera que para a dimensão da cidade, e tendo em conta o facto de ter uma das populações mais jovens do país, deveriam existir mais espaços dinâmicos que cativassem os mais novos a ficar na cidade e a não sair para outros lados. «O Montijo tem uma grande margem de crescimento», diz.

LISBOA AQUI TÃO PERTO

A construção da Ponte Vasco da Gama permitiu aos jovens do Montijo ter um acesso mais facilitado à capital e a um conjunto de opções que a cidade onde habitam não tem capacidade para lhes proporcionar. Como tal, a tentação de sair e procurar em Lisboa onde ocupar os tempos livres é grande e, o facto de a população residente no Montijo ter aumentado, pode não se traduzir diretamente num aumento de jovens a ocupar os seus tempos livres na cidade.

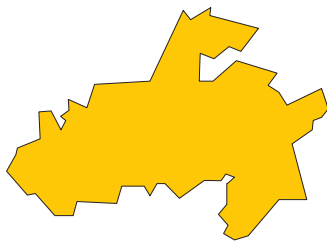
No entanto, Rita Manuel não considera que a proximidade da capital seja uma desvantagem, vindo a situação pelo prisma contrário. «O facto de a cidade estar tão perto da capital acaba por lhes dar vantagens que de outra forma não teria, desde logo um estilo de vida mais tranquilo, possibilidade de frequentar o comércio local sem necessidade de utilizar o carro e custo de vida mais baixo». Ainda assim, dada a oferta que Lisboa proporciona, Catarina Ferreira considera natural que os jovens procurem a capital para, por exemplo, frequentar discotecas e bares com um conceito diferente das existentes na Margem Sul do Tejo.

O olhar traçado pela cidade e os testemunhos recolhidos transmitem-nos a sensa-

ção que o Montijo é uma cidade pouco explorada. Apesar de ter uma grande oferta de espaços e infraestruturas onde os jovens podem ocupar os seus tempos livres de forma variada, desde a prática de atividades desportivas ao convívio em estabelecimentos comerciais, não faz o aproveitamento e a sua divulgação adequados.

É ainda visível nos jovens que deram voz a esta reportagem um certo desalento na forma como falam da cidade onde habitam, pois no geral consideram que poderia aproveitar o facto de ser uma das mais jovens do nosso país para se desenvolver e proporcionar às gerações futuras diferentes formas de a aproveitar, dadas as suas condições e a elevada oferta. Este desalento poderia por isso ser gerador de iniciativa por parte dos mesmos, talvez até como uma forma de interpellar as autoridades competentes para os problemas acima enunciados. Fica a sensação de que, por maiores que sejam as adversidades, os jovens montijenses parecem algo acomodados à situação. A sua inação em relação a uma possível tomada de decisão é real, talvez pela possibilidade que a tecnologia lhes dá de ocuparem os seus tempos livres sem terem de sair de casa.

Diogo Sousa



Falta convívio fora das instituições ou Palmela “não tem grande coisa para se fazer”, assim desabafam alguns jovens. Mas outros, particularmente os mais novos, aderem às atividades que lhes são destinadas.

O concelho de Palmela estende-se por uma área de 465,12 km² e situa-se entre o Parque Natural da Arrábida e a Reserva Natural do Estuário do Sado. Mas não se cinge apenas à paisagem das serras compreendidas no seu território. Palmela é terra de vinhas e vinhos e de um vasto património. O município integra a Área Metropolitana de Lisboa e é desde 2013 constituído por quatro freguesias. Três delas mantiveram os seus limites territoriais (Palmela, Pinhal Novo, Quinta do Anjo) e outras duas (Marateca e Poceirão) foram agregadas numa união. De acordo com dados de 2016 do Instituto Nacional de Estatísticas, a população residente é de 64.146 pessoas.

HISTÓRIA ANTIGA E RICA

A história de Palmela reflete o cruzamento de culturas dos povos que ocuparam o território desde os tempos mais remotos. Em 1147, D. Afonso Henriques conquistou Palmela aos muçulmanos. Rei que em 1170 atribuiu um foral específico aos designados mouros forros de Lisboa, isto é, os libertados mediante pagamento. Esse foral terá abrangido por extensão os de Almada, Palmela e Alcácer do Sal, de acordo com uma comunicação de Eva-Maria von Kennitz, publicada nas Actas do 2º Congresso Histórico de Guimarães, realizado em 1996. Mais tarde, em 1323, D. Dinis elevou Palmela à categoria de vila, o que para os locais se traduziu num momento de grande festejo. Em 1443, a Ordem Religiosa Militar de Santiago de Espada passou a estar instalada no Castelo de Palmela o que teve uma grande importância para o desenvolvimento político, social e económico do concelho. No século XIX, em 1885, Palmela passou a integrar o concelho de Setúbal, sendo que 71 anos mais tarde são criadas três novas freguesias pertencentes ao mesmo concelho: Pinhal Novo, Quinta do Anjo e Marateca. Palmela distingue-se por uma história rica em cultura e saber, que a autarquia tem preservado como se pode constatar nas publicações editadas e no website do município. Mas tem também assegurado a preservação de equipamento

Palmela

Falta convívio fora das instituições

cultural mais recente e construído novos edifícios destinados à cultura e ao lazer.

Cineteatro São João constituía uma referência e desempenhou um papel relevante na vida cultural de Palmela. Mas em 1981 encerrou as portas ao público. Para contrariar essa circunstância, a câmara adquiriu o edifício em 1989 e, em

serem os principais responsáveis por dinamizar o concelho. Deixam de ser simples espectadores para passarem a ser cidadãos ativos que contribuem para uma maior diversidade e riqueza cultural a nível do seu local de residência.

Numa outra vertente, a solidária, é possível verificar a aposta por parte

também outras atividades através de um conjunto de diapositivos ligados à componente tecnológica presente no local, tais como consolas de videojogos.

UMA DIFERENÇA

Se analisarmos a vida juvenil dos palmelenses fora das instituições conse-



Da esquerda para a direita: Daniela Cardoso, Catarina Oliveira, André Dinis, Alexandre Saramago, Ana Miranda, Gabriela Palma e Pedro Oliveira

1991, devolveu-o ao seu papel de espaço cultural. Dispõe de uma companhia residente, a Dançarte, e representa um polo dinamizador de atividades destinadas à comunidade educativa, artistas, criadores e a projetos culturais locais.

OUTRAS APOSTAS

Outra das apostas da câmara municipal é contribuir para o desenvolvimento dos mais jovens, com base nos seus interesses. São atividades no âmbito das tecnologias ou do empreendedorismo, as quais visam alcançar a maior adesão possível por parte da juventude palmelense.

Para atingir tais objetivos, o município de Palmela tem, ao longo dos anos, desenvolvido um conjunto de projetos tanto nas escolas como nas instituições para que todos os jovens residentes no concelho possam ser ativos e melhorem a vida da comunidade. “Março a Partir” é a iniciativa palmelense mais presente nas escolas do concelho. Durante o mês de Março vários estudantes unem-se para organizar um mês repleto de atividades. O associativismo juvenil é fundamental para que a edição do presente ano seja melhor do que a do ano passado.

Através dessa estratégia, os jovens com relativa liberdade conseguem sentir-se capazes, com determinada ajuda, de

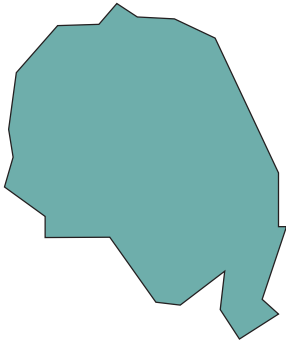
da Câmara Municipal de Palmela no voluntariado, através do projeto denominado “Agir de Corpo Inteiro”. O seu principal objetivo passa principalmente por dar a perceber aos jovens do município a importância e o quão benéfico lhes pode ser tanto na sua formação pessoal quanto na profissional, o ato de se voluntariarem para as diferentes causas existentes. Por fim, uma das grandes apostas no que toca às camadas mais jovens por parte do município palmelense passa por uma das vertentes mais presentes no mundo actual e no dia a dia de cada indivíduo, isto é, o mundo cibernético. Através do website criado em 2003, <http://www.juventudeinteractiva.org/portal>, é possível que qualquer utilizador de um computador ou smartphone se possa informar em relação a futuros eventos que possam envolver jovens a nível local e regional. Os jovens palmelenses dispõem também de uma instituição denominada Centro de Recursos para a Juventude (CRJ). Presente em Palmela, Pinhal Novo e Quinta do Anjo, o CRJ oferece aos mais jovens um local onde a diversidade reina. É, por um lado, um local onde podem estudar, com o apoio dos recursos informáticos disponibilizados, mas, por outro, é um local de convívio juvenil. São não só desenvolvidos projetos musicais ou de dança, como

guimos de forma rápida perceber que existe uma diferença de perspectiva relacionada com as faixas etárias. Os mais novos optam por frequentar espaços como o CRJ ou os campos de futebol municipais existentes no concelho. Já os adolescentes e jovens adultos referem frequentemente que “Palmela não tem grande coisa para se fazer”.

Carolina Silva, residente em Palmela, afirma que, além da “esplanada no castelo [café localizado junto ao castelo de Palmela] não há nada de interessante para fazer por aqui”. Acrescenta que só encontra interesse na avenida Dr. Juiz José Celestino Ataz Godinho de Matos, o que se deve à localização nesse preciso local do Conservatório de Música de Palmela. Nesse sítio decorrem os ensaios ou espectáculos e, depois de terminarem, alguns dos jovens frequentam os cafés existentes na avenida para desse modo conviverem.

Por sua vez, Catarina Oliveira, residente no Pinhal Novo, salienta que para ocupar os seus tempos livres se dedica às danças de salão. Os estudos e essa atividade não lhe deixam muito tempo de lazer. Ainda assim, afirma que, quando pretende sair, é no McDonald’s local ou no café junto ao castelo de Palmela que se encontra com os seus amigos.

**Gabriela Palma
e Jorge Rodeia**


Seixal

Amigos em primeiro lugar

Os amigos estão em primeiro lugar para os seis jovens residentes no concelho do Seixal. Uns conhecem bem os locais a onde se devem dirigir para a prática de atividades ou para conviverem. Mas há também quem não disponha de informação sobre a realidade mais próxima.

O Seixal tem vista privilegiada para o Rio Tejo, mas o concelho possui muitas paisagens que enchem o olhar de todos aqueles que o visitam. A Baía do Seixal, com o Sapal de Corroios, o rio do Judeu, a Ponta dos Corvos e o Moinho de Maré, é considerada como o principal recurso natural do concelho pois está presente em três das suas quatro freguesias.

Faz parte dos municípios da Península de Setúbal e está inserido na Área Metropolitana de Lisboa. Amora, Corroios, Fernão Ferro e União das Freguesias do Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires, as quatro freguesias, ocupam uma área de 95,50 km quadrados. O município foi fundado em 1836.

Segundo a PORDATA, em 2016 os jovens com menos de 15 anos constituíam 15,9 por cento da população residente no concelho do Seixal. Tem uma população de 165.123 residentes, de acordo com dados de 2016 do Instituto Nacional de Estatísticas.

O boom populacional do concelho aconteceu na década de 70 do século passado e contribuiu para a melhoria da qualidade de vida, isto porque investiu em várias infraestruturas. O Seixal, que outrora era um concelho com características rurais, transformou-se num centro urbano com grandes aglo-



Baía do Seixal © Conceição Brito

merados populacionais. Foram criados e desenvolvidos vários equipamentos sociais, ao serviço de toda a população. Finalmente em 1993, o Seixal e a então vila da Amora foram elevadas à categoria de cidade. Corroios foi elevada à categoria de vila.

As instalações das Fábrica de Lanifícios, na Arrentela, e da Siderurgia em Paio Pires contribuíram para a economia do concelho, que conseguiu uma maior independência em relação a Lisboa.

O município é conhecido pela Festa do Avante, que se realiza no mês de setembro, tem outros espaços novos como a Mundet Factory, aberta pelo ex-Masterchef João Macedo, o qual utilizou as instalações da antiga fábrica da Mundet. Segundo a NiT, entre 2016 e 2017 o número de turistas subiu em 65 por cento. O verão de 2017 ficou marcado pela abertura do parque aquático “Aqua Splash”, uma novidade para os residentes do concelho.

Além dos vários clubes que estão dis-

tribuídos por todo o concelho, a Câmara Municipal do Seixal tem também várias atividades direcionadas para os jovens residentes. O “MarçoJovem”, tal como o nome indica, é um evento feito à sua medida. Acontece no mês de Março e têm à disposição dos mais novos eventos ligados à cultura como exposições de arte, sessões de teatro, *stand-up comedy* e ainda atuações de artistas de dança e música. O objetivo é entreter os jovens, mas o seu modelo integra também um workshop que servirá para ajudar os jovens a entrarem no mercado de emprego.

Outro evento que marca a agenda é o SeixalModa. Aí os jovens da região podem dar asas à sua criatividade e expor as suas criações de moda. Mas também dá a oportunidade aos concorrentes para darem os primeiros passos nas suas carreiras de modelos ou *designers*. Para os mais novos existe o programa Seixal Férias que tem como principal objetivo entreter os jovens durante as férias de verão. Durante a participação

neste programa, têm oportunidade de aprender ao mesmo tempo que se divertem nos vários workshops disponíveis.

O Espaço 58 é uma iniciativa do concelho que junta vários artistas musicais e a Seixaliada é um dos acontecimentos mais importantes. Constitui uma celebração do desporto, ao juntar atletas de várias modalidades como futebol, patinagem, basquetebol, futsal, ginástica, trampolins, taekwondo, ténis de mesa, badminton, caminhadas, matraquilhos, sueca, voleibol e zumba, entre outras.

DUAS RESIDENTES EM FERNÃO FERRO

Importava ouvir alguns jovens que residem no concelho do Seixal para perceber melhor o que fazem nos seus tempos livres. Perceber se passam o seu tempo livre frente a vários ecrãs, quer o telemóvel quer o computador ou televisão, ou se saem à rua e passeiam com a família e amigos. Além disto, tentou-se descobrir mais sobre o que pensam os



Ana Paulino, Clariane Oliveira e Rita Alfaced

jovens do concelho.

Vanessa Bornett tem 19 anos e vive na freguesia de Fernão Ferro. É estudante e está no primeiro ano da Licenciatura em Contabilidade e Finanças, na Escola Superior de Ciências Empresariais, no Instituto Politécnico de Setúbal. Devido à sua ocupação diz não ter muito tempo para atividades de lazer, uma vez que o seu tempo livre é utilizado para se dedicar ao estudo. Quando pode, usa o pouco tempo livre que tem para “passar, para ver séries e sobretudo para descansar”.

Vanessa não tem muito conhecimento sobre as várias atividades de lazer que estão disponíveis em todo o concelho. Quando passeia, a estudante prefere fazê-lo em Lisboa porque “há sempre sítios para visitar e porque é uma cidade linda”. Acrescentou ainda que não costuma passear pelo concelho do Seixal porque “o que havia para descobrir, já descobri.”

Rita Alfaced, estudante de 19 anos, vive também na freguesia de Fernão Ferro. Rita é estudante de Animação Socio Cultural, na Escola Superior de Educação de Setúbal do Instituto Politécnico de Setúbal. Nos seus tempos livres, pratica ginástica acrobática. Todas as semanas pratica quatro horas de ginástica e no fim-de-semana apenas duas.

Além de praticar este desporto desde há muitos anos, também participa no Rancho.

Gosta também de ler e de tocar guitarra. E pratica outras atividades de lazer como passear no Seixal, onde, segundo considera, existem muitos espaços verdes no concelho. Rita não tem muito conhecimento sobre as várias atividades de lazer que estão disponíveis em todo o concelho e é por isso que não participa tanto. Não costuma frequentar regularmente espaços como cafés ou bares, mas quando o faz prefere fazê-lo com os amigos.

VIVER NA AMORA

Vários clubes e associações são parte das entidades que promovem a oferta de lazer no Seixal. Corroios marca o limite oeste do Seixal, o qual ombreia com a União das Freguesias de Laranjeiro e Feijó e com a União das Freguesias de Charneca de Caparica e Sobre da, do concelho de Almada, que lhe são vizinhas.

Na freguesia de Corroios, situa-se o Centro Cultural e Recreativo Do Alto do Moinho que se destaca pela a sua

equipa de Andebol. Entre as várias atividades que compõem o seu leque de ocupações estão o ballet, ginástica infantil, karaté, atletismo, voleibol e taekwondo.

Ligada a Corroios e banhada pelo Tejo, Amora acolhe o Clube Recreativo da Cruz de Pau, que atividades como artesanato, jogos tradicionais, dança do ventre, ginástica acrobática, ginástica de manutenção, pesca desportiva, karaté e xadrez, entre outros.

Clariane Oliveira, de 19 anos, reside na freguesia da Amora e ocupa os seus tempos com o estudo e com os seus amigos e família. A estudante de segundo ano da Licenciatura de Comunicação Social, na Escola Superior de Educação de Setúbal, diz que normalmente frequenta os cafés do concelho quando se encontra com os amigos. Quando quer sair à noite, fá-lo noutra concelho. Tem conhecimento da oferta de lazer que o concelho dispõe. Gosta particularmente da zona da Baía do Seixal, que tem vindo a sofrer alterações significativas nos últimos anos, melhorando assim as condições para quem a visita. Clariane gosta da zona devido ao aparecimento de novos espaços, como cafés e bares. Costuma frequentá-los com os amigos devido às suas qualidades e porque os ambientes destes espaços são calmos e agradáveis.

Considera que o concelho do Seixal é um concelho jovem e com “jovens que gostam de sair de casa e conviver”. Além de frequentar os cafés e bares, Clariane também gosta de ir ao cinema, na companhia dos amigos. Diz que na sua freguesia não existem muitos espaços de lazer do seu agrado e por isso, desloca-se até ao Seixal onde estão localizados os espaços da sua preferência.

O ESPAÇO DA UNIÃO

A União de Freguesias do Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires está rodeada pelo braço do Tejo e constitui o limite oriental do concelho, vizinha de três uniões de freguesias do Barreiro. Na Arrentela, existe o Clube Recreativo e Desportivo das Cavaquinhas que tem como atividades principais

o futsal, ginástica, ciclismo e Danças. Nesta freguesia existe também o Independente Futebol Clube do Torrense, que se situa na localidade da Torre da Marinha. Os maiores destaques deste clube são as equipas de andebol, ténis de mesa e xadrez.

Portugal Cultura e Recreio está situado no Seixal e tem como atividades de lazer o boxe olímpico, futsal, judo, taekwondo, zumba e jiu jitsu. Ainda no Seixal, o Clube de Campismo Luz e Vida destaca-se pelos des-

portos ao ar livre como campismo, canoagem e o cicloturismo.

Ana Paulino, de 21 anos, residente na União de Freguesias do Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires, afirma que durante os seus tempos livres gosta de “ouvir música, passear e ir às compras”. Vai também ao ginásio e gosta de passar tempo de qualidade com a família e amigos. Quando passeia, gosta de fazê-lo dentro do concelho e noutros. Afirma, ainda, que só tem conhecimento das várias atividades do concelho na época das festas populares, que acontecem no verão.

A jovem estudante do 2º ano da Licenciatura em Gestão da Distribuição e Logística, na Escola Superior de Ciências Empresariais, afirma que um dos benefícios do seu concelho é a localização, uma vez que está perto de outros concelhos como Almada e Lisboa, permitindo assim a sua deslocação rápida para estas duas cidades. Costuma frequentar bares e cafés que são populares no concelho do Seixal, que considera disporem de ambientes “agradáveis”. Costuma frequentar estes bares e cafés três vezes por semana.

Abel Alegy, de 22 anos, é estudante e trabalhador. Devido às suas ocupações, admite que o tempo de lazer é pouco.

Quando pode, dedica o seu tempo livre à prática de artes marciais como o muay thai, num dos clubes da sua freguesia. Reside na União de Freguesias do Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires e, para além da prática de desporto, também dedica algum do seu tempo livre para sair com os amigos.

Prefere utilizar o tempo que tem para o lazer no concelho do Seixal, porque é “mais perto”. Tem conhecimento das várias atividades que estão disponíveis no concelho, como por exemplo os vários clubes e as respetivas ofertas desportivas, sabe onde é que pode praticar desporto ao ar livre e sabe, também, quais são as várias discotecas que são as mais “famosas na área”.

Admite, porém, que já não frequenta tanto as discotecas devido ao pouco tempo de lazer que tem e porque já não “gosta muito do ambiente desses espaços”. Prefere frequentar bares e cafés com ambientes mais calmos, onde possa pôr a conversa em dia com os amigos.

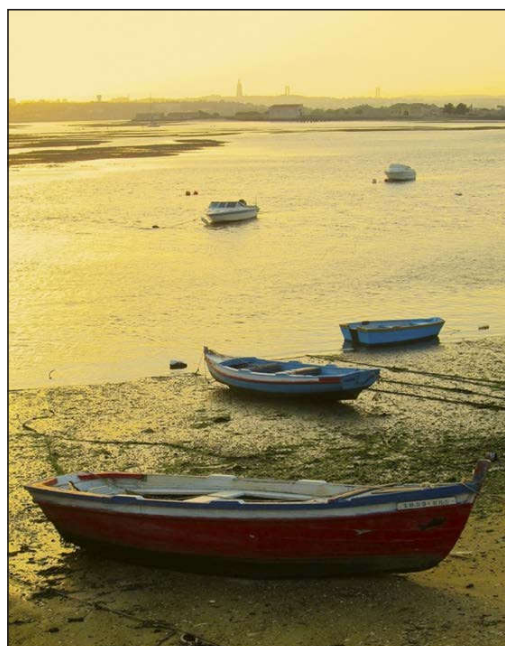
Gosta de frequentar o clube de muay thai porque fica perto, a mensalidade é acessível e principalmente porque gosta de praticar desporto. Durante as suas férias, pratica desporto duas a três vezes por semana. Entre o horário letivo e laboral, só consegue arranjar tempo para praticar desporto três vezes por mês. Gosta de viver no Seixal, porque é um concelho que está em constante mudança e porque sente que cada vez mais tem infraestruturas de lazer para os jovens, o que é algo positivo.

Estudante de Educação Básica, Rafaela Santos tem 19 anos e reside na União de Freguesias do Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires. Nos seus tempos livres gosta de ver televisão. Quando pratica atividades de lazer, gosta de fazê-las no seu concelho, embora não tenha muito conhecimento sobre as várias modalidades que pode fazer no Seixal. Costuma frequentar os cafés e bares da zona com os amigos, porque considera

que estes espaços têm um bom ambiente, o que serve para pôr a conversa em dia. Tem o hábito de sair à noite pelo menos duas vezes por semana.

Vários dos entrevistados responderam que não tem muito conhecimento sobre os vários espaços e atividades disponíveis para jovens. Revelaram que parte do seu tempo livre é gasto a passear com os seus amigos.

Costumam frequentar os bares e cafés da zona para manterem as conversas em dia. Isto demonstra que os jovens conseguem manter relações cara a cara, sem estarem sempre colados aos smartphones, que levam sempre consigo. Alguns dos entrevistados também demonstraram a sua satisfação com o seu concelho. Acha que o Seixal é um concelho agradável devido às várias potencialidades e constantes mudanças.



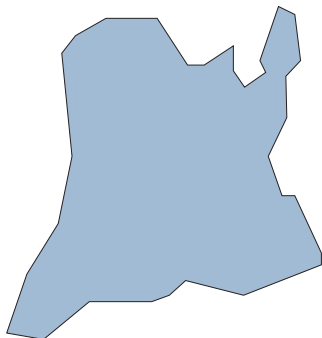
© Conceição Brito



SESIMBRA

Sesimbra

A saída da monotonia



Uma vila tranquila, apaziguadora e calma, que possui a capacidade para atrair e entreter o seu público-jovem, através da diversidade de atividades, seguindo as suas preferências e gostos. O Carnaval é uma tradição enraizada e o escutismo é considerado uma escola de vida.

Sesimbra dá nome à vila e ao concelho, mas há outros topónimos que o tornam conhecido, como sejam o Cabo Espichel, o Castelo e a aldeia e praia do Meco. Tem uma área rural significativa, mas possui igualmente uma linha de costa que se estende desde a Lagoa de Albufeira até à Serra da Arrábida, onde pontuam as praias Praia das Bicas, do Moinho de Baixo, da Foz, da Lagoa de Albufeira, da Califórnia e do Ouro.

As principais actividades económicas do concelho são a agricultura, a pesca, o comércio e o turismo.

Situado no sudoeste da Península de Setúbal, o concelho tem uma área de 194,98 km², onde residem 50.972 habitantes, de acordo com dados de 2016 do Instituto Nacional de Estatísticas. São três as suas freguesias: Castelo, Santiago e Quinta do Conde. A primeira tem uma área de 178,77 km², onde residem 19.053 habitantes. É essencialmente rural e estende-se na orla marítima do Cabo Espichel até à Serra da Arrábida.

A Quinta do Conde, com uma área de 14,22 km² e 25.606 habitantes, triplicou, nos últimos 20 anos, a sua população em consequência do parcelamento da propriedade rústica e a construção de habitação. Santiago, tem uma área de 1,99 km² e 4.841 habitantes, é a mais pequena, mas aquela que é mais densamente povoada. Corresponde ao espaço urbano da vila de Sesimbra.

CARNAVAL: TRADIÇÃO E OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES

O Carnaval é uma época festiva caracterizada pela diversão, magia, alegria e união de gerações. Saem à rua crianças, jovens, adultos e idosos, diferentes classes sociais e etnias. Todas as pessoas procuram transmitir com criatividade a sátira social e política, patente nos fatos, máscaras e carros alegóricos. Os tempos livres são os períodos em que os jovens não têm qualquer compromisso escolar. Utilizam-no como



Desportos na Lagoa de Albufeira

forma de se distraírem, desgastar energia, divertirem-se, relaxarem, exercerem atividades de que gostam, com que se identificam e que lhes dão prazer. A escolha das atividades para exercer nos tempos livres é cada vez mais variada, uma vez que existe uma maior oferta e diversidade de projetos.

Uma das grandes tradições de Sesimbra destacada a nível nacional e internacional são os festejos carnavalescos que, ano após ano, cativam e levam milhares de visitantes à vila, com consequência positiva no desenvolvimento e visibilidade da região.

Por esta razão, as Escolas de Samba têm vindo a receber, gradualmente, inscrições por parte do público jovem. Também as escolas e jardins-de-infância marcam presença assídua. As crianças e jovens manifestam entusiasmo por participarem num dos maiores Carnavais a nível nacional. Não transmitem de geração em geração e a que se habituaram por ouvirem, verem e participarem desde muito novos.

Ainda que a tradição dure apenas três dias, o trabalho realizado por toda a organização, em especial pelos jovens das Escolas de Samba, é desenvolvido ao longo de todo o ano.

UM MODO DE VIDA

“O escutismo é a escola da vida”. Assim o define Margarida, de 19 anos e praticante há nove. É uma paixão que partilha com a Joana (20 anos de idade e sete de prática), a Catarina (19 anos e cinco no escutismo) e o João (18 anos e um ano em atividade).

Margarida afirma que a sua participação nos escuteiros não tem apenas um propósito. Entrou para o movimento com dez anos, por iniciativa própria e com o objetivo de perder o receio de falar em público. Atualmente, o escutismo proporciona-lhe o desenvolvimento de muitas outras vertentes.

Passados nove anos em atividade, quer facultar aos mais novos aquilo que o escutismo lhe proporcionou e vivenciar desafios que não são oferecidos pela escola nem pela sociedade e que são importantes para o futuro de cada

um. “Costumo dizer que o escutismo é a escola da vida. O seu objetivo é preparar-nos para vivermos uma vida feliz apesar das adversidades.”

João corrobora essa perspetiva. Frequentar os escuteiros é para ele importante a nível da evolução pessoal, tanto pelo novas experiências como pelos valores defendidos pelo escutismo, em que se incluem a amizade, amor, felicidade e alegria.

Margarida considera que é como pertencer a uma família. Faz parte da vivência enquanto seres humanos. Pertencer ao grupo fá-la sentir-se livre e segura, uma vez que se trata de pessoas incapazes de julgar o próximo, ainda que sejam cometidos erros. “Desta forma, a minha motivação é inconsciente. Faz parte, é um modo de vida tal como viver em família o é.”

Apesar de ser uma atividade extra, em que só está quem quer, Joana opina que é preciso algum motivo ou força maior. Não para os mais novos, mas para os mais velhos. Quando se cresce, crescem também as responsabilidades e consequentemente os problemas. Admite que nem sempre é fácil lidar com tudo ao mesmo tempo. Quando falta a motivação, há pessoas que acabam por abandonar o movimento.

Joana afirma não saber ao certo a origem da sua motivação, mas diz identificar-se com a frase «quem corre por gosto não cansa». Já Catarina diz que a sua motivação são os “irmãos” que a rodeiam, razão pela qual se “sente em casa”.

Margarida afirma que o impacto do escutismo na sua vida é ser um seu produto. “Se a escola me desenvolve intelectualmente, os escuteiros abriram-me horizontes mais práticos.” Para o João são a fonte de inspiração para a sua personalidade e onde aprende a lidar com situações com as quais nunca se tinha encontrado e que o vão moldando como pessoa.

ENTRETENIMENTO PARA 365 DIAS

O Spot Jovem, inaugurado em Novembro de 2015 na Quinta do Conde e em Sesimbra, é um espaço apoiado

pelo Gabinete Municipal da Juventude, que tem como objetivo a ocupação dos tempos livres dos jovens através de atividades de entretenimento e convívio.

Paula Pinto, assistente técnica, afirma que são os jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos os que mais frequentam o Sport. Procuram-no como ponto de encontro e convívio, mas as atividades mais solicitadas são os matraquilhos e o campo de jogos. O sábado e os

períodos de férias são os escolhidos para se juntarem e disfrutarem das atividades oferecidas.

Também criado pela Câmara Municipal de Sesimbra há 20 anos, Férias Jovem é um projeto cujo objetivo é ocupar os tempos livres de jovens com idades compreendidas entre os seis e os 13 anos, durante o mês de Julho, no período das férias de verão. Em 2017, o programa incluiu a prática de desportos marítimos na Lagoa de Albufeira e outras atividades lúdicas.

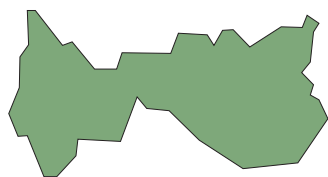
Associação Desportiva Cultural e Social da Quinta do Conde (MG BOOS) constitui uma outra alternativa. Isabel Pereira, funcionária da instituição, destaca a título de exemplo, a Ginástica Aeróbica Desportiva (dos oito aos 20 anos) conta com cerca de 100 alunos e o Hip Hop (dos três aos 25) com 200. Também no que se refere à prática de atividade física, há na freguesia Quinta do Conde um número considerável de ginásios à disposição da população residente, entre os quais se contam o Sport City e o TotalCombat.

Influenciados pelos amigos ou por auto-estima e vontade própria, a prática de atividades em ginásio tornou-se uma ocupação de tempos livres. Para isso concorre a preocupação em valorizar a imagem, a aparência física e a saúde.

Quando não têm possibilidade de frequentar os ginásios, seja por motivos financeiros ou outros, existem alternativas como o Negreiros Fitness Parque e o Parque da Vila, na Quinta do Conde, onde possuem alguns aparelhos à disposição para a realização de atividades físicas e desportivas.

A prática de atividades livre e espontânea assume importância no que diz respeito à formação da personalidade e maneira de ser. Este é um modo enriquecedor de manter os jovens ocupados e de não se sentirem perdidos, sem objetivos e motivações. Permite que desenvolvam outras vertentes, qualidades, aptidões e habilidades que a escola não disponibiliza.

Beatriz Fernandes



Setúbal

Mais desporto e menos cultura na agenda dos jovens

São apenas dez por cento os jovens do concelho de Setúbal e o desporto é uma das áreas que mais procuram. Duas jovens dizem que falta divulgação dos eventos culturais, mas outro jovem discorda. Diz que são os jovens quem não comparece. Mais promoção cultural não seria, porém, inútil.

O concelho de Setúbal enfrenta, como todo o território nacional, o envelhecimento da população portuguesa. Os dados do Instituto Nacional de Estatística de 2016 indicam que indivíduos entre 15 e 24 anos correspondem a 10,5 por cento do total de residentes.

As ruas da cidade são maioritariamente preenchidas por idosos que passeiam e conversam entre si. No entanto, os jovens existem e diversidade de atividades não falta para se entreterem nos tempos livres.

Residem nos 230,33 km² de área do concelho 116.979 habitantes, de acordo com dados de 2016 do Instituto Nacional de Estatísticas. O município é constituído pela União de Freguesias de Setúbal e por mais quatro freguesias: Azeitão, S. Sebastião, Sado e Gâmbia, Pontes e Alto da Guerra.

Os limites do concelho são os municípios de Sesimbra, Barreiro e Palmela e, a sul, o estuário do Sado. Em frente da cidade, avista-se a península de Tróia, que pertence a Grândola. Todas as praias de Setúbal estão inseridas no Parque Natural da Arrábida.

A Câmara Municipal de Setúbal, presidida por Maria das Dores Meira, encarrega-se de dinamizar a ocupação dos setubalenses. O Gabinete da Juventude, a Galeria Municipal, a Pousada da Juventude (Casa do Largo), a Casa



Galeria Municipal

da Cultura e o Fórum Municipal Luísa Toti são exemplos de espaços criativos e dedicados ao lazer.

A Pousada da Juventude insere-se na esfera principal da promoção de atividades direcionadas à população jovem. Constitui, no centro do concelho, um espaço de lazer, convívio e alojamento que apresenta exposições, *workshops*, concertos e outros eventos a realizar pela cidade de Setúbal. De conceito idêntico apresenta-se o Gabinete da Juventude que assenta na informação e no contacto entre os jovens e as atividades que o serviço municipal oferece.

VOLEIBOL É REFÚGIO

Os jovens refugiam-se no desporto, principalmente no voleibol, modalidade assiduamente presente na cidade. Catarina Batista, de 21 anos, pratica voleibol há seis anos no concelho de Setúbal. Desempenha este papel quatro vezes por semana e demonstra o talento nos jogos pela sua equipa, o Voleibol

Clube de Setúbal (VCS). Para além desta instituição, o voleibol de praia é apresentado aos setubalenses pela Associação de Voleibol de Praia (AVP).

Nos seus tempos livres, a jovem frequenta exposições e convive com amigos no Café das Artes da Casa da Cultura. Esta instituição, dirigida pela Divisão da Cultura da Câmara Municipal de Setúbal, visa colocar ao dispor dos setubalenses e visitantes a arte e a cultura como formas de lazer e difusoras de conhecimento. A Casa da Cultura disponibiliza, ainda, outros espaços, como sejam o Estúdio de Gravação, a Galeria de Exposições, a Sala José Afonso e o Salão Nobre.

Catarina afirma que “Setúbal tem dinamizado atividades direcionadas para os jovens, nomeadamente nas áreas do desporto, da cultura e do cinema”. Ainda assim, aponta a falta de associações dinamizadoras durante o inverno e a falha na divulgação dos eventos enquanto entraves à adesão aos mesmos pelos jovens setubalenses.

Pedro Matos, jovem residente de 20 anos, discorda com esta última afirmação. Defende que a comunicação de atividades atinge os jovens, sendo estes quem não contribui com a sua participação. Passear e conviver em bares e cafés são as principais ocupações do jovem, que nomeia a Serra da Arrábida e a Praia da Figueirinha como lugares de eleição.

O assistir a jogos de voleibol continua a ser enumerado como passatempo do setubalense, dirigindo-se principalmente ao Pavilhão da Aranguez. Entre amigos aponta os bares *Smile* e *Rockalot* enquanto espaços de convívio e de grande adesão por parte dos jovens.

A empresa *Rockalot*, nomeada pelos jovens entrevistados, constitui uma cadeia de três estabelecimentos, dois no concelho de Setúbal e outro em Palmela. Este último,

intitulado *Rockalot School*, consiste numa “alternativa fácil e variada às ementas da escola”, de acordo com o site da entidade. *Rockalot Praia* e *Aqua Bay* apresentam o conceito de bar e restaurante, respetivamente. A empresa caracteriza-se pela elevada concentração de massa jovem durante o ano inteiro, quer chova ou faça sol.

MAIS PROMOÇÃO DA CULTURA

A adesão sentida nestes locais opõe-se à falta de participação nas atividades desenvolvidas pela Galeria Municipal de Setúbal. Fernando Oliveira, rececionista e dinamizador, explica que os jovens apenas se dirigem à galeria no âmbito de visitas de estudo. O estabelecimento procura abranger todas as faixas etárias aquando a preparação das suas exposições, proporcionando exclusividade somente nos eventos infantis.

A falha na divulgação dos eventos constitui, segundo Inês Lopes, a resposta a esta falta de interesse pela juventude na Galeria Municipal. A jovem setubalense de 22 anos defende que estas instituições devem apostar na promoção das suas atividades através da internet e da distribuição de panfletos nas ruas da cidade.

O cinema, a dança e o voleibol são as atividades que ocupam os tempos livres da setubalense. Frequentemente, Inês assiste aos filmes exibidos no auditório *Cinema Charlot* situado no concelho, assim como as aulas de zumba proporcionadas pela *Decathlon* de Setúbal.

A prática de voleibol constitui grande parte da sua rotina, enraizada pelo seu envolvimento na equipa de voleibol de Setúbal. Para além destas atividades, a jovem revela passar os seus tempos livres a conviver com amigos na Casa da Cultura, evidenciando a adesão juvenil a este estabelecimento.

Os jovens são, portanto, uma preocupação dos serviços municipais do concelho de Setúbal, promovendo as suas interações e convívências com o mundo da arte e da cultura. A elevada adesão a locais como a Casa da Cultura e a Pousada da Juventude constitui resposta a essa tentativa de inserção desta faixa etária na sociedade, facultada pelo próprio município.

O desporto é uma das áreas mais procuradas pelos jovens setubalenses, nomeadamente a prática de voleibol, quando escolhem uma atividade para realizar.

Assim, a ocupação do tempo livre é desenvolvida pelo jovem mediante os seus interesses e valores, não dispensando a contribuição das instituições e atividades na correspondência aos demais estilos de vida.

Rita Cardoso e Raquel Santos



Pousada da Juventude, Casa do Largo

Paulo Moura

Em entrevista para o jornal “O Repórter”, o jornalista de viagens e guerra fala sobre os obstáculos e as mudanças da profissão

“O papel do jornalista é mais importante agora do que era antes”. Quem o diz é Paulo Moura, jornalista e repórter de viagens e de guerra. Durante a primeira conferência da Semana da Comunicação, o jornalista falou sobre o papel das redes sociais que, de certa forma, têm tirado protagonismo ao jornalismo.

Em entrevista ao Jornal Repórter, o jornalista considera, mais do que nunca, o jornalismo como algo muito importante para a sociedade e para os cidadãos. As redes sociais consideradas como fontes de notícias para muitos leitores, não são sempre fidedignas. Qualquer pessoa, nos dias de hoje, “com um telemóvel pode fazer entrevistas, filmar, enviar para a Internet e para qualquer parte do mundo”.

Os leitores podem estar a ser enganados por alguém de “ma fé”, acrescenta Paulo Moura. Portanto, o rigor e a credibilidade que os jornalistas têm é muito importante num mundo onde notícias falsas são publicadas e difundidas de forma célere nas redes sociais. Considera que os cidadãos podem ter confiança nos jornalistas porque a informação “não é influenciada por nada ou ninguém”.

AS VÁRIAS MUDANÇAS DO JORNALISMO

Paulo Moura, que começou a profissão no “Público”, falou sobre as mudanças no jornalismo desde o início da sua carreira até aos dias de hoje. Admite que era então mais fácil começar na profissão porque encontrar um emprego era mais fácil. Hoje em dia, a precariedade é uma realidade dos recém-licenciados, tornando os seus percursos mais difíceis.

Acrescenta que também teve algumas dificuldades durante a carreira. Sendo repórter de viagens, teve dificuldade em realizar algumas reportagens devido ao seu custo financeiro. Teve de contornar as barreiras monetárias, ar-



© Francisco Matias

o jornalismo ultrapassará a fase difícil que atravessa. Paulo Moura afirma ainda acreditar que o jornalismo irá recuperar a sua credibilidade, importância e prestígio na sociedade.

AS CONTRAPARTIDAS

Embora considere o jornalismo como “a melhor profissão do mundo”, admite que existem vários constrangimentos nas redações. O tempo é muito valioso, sobretudo aqui onde os jornalistas precisam dele para estudarem e aprofundarem os assuntos que estão a tratar. Como não o têm, as redações tratam as notícias de uma “forma superficial”.

Enquanto jornalista independente, Paulo Moura vê o orçamento financeiro como uma das suas maiores preocupações, uma vez que é

responsável pelos custos das reportagens. Além disso, tem de suportar as suas despesas.

Durante a 6ª edição da Semana da Comunicação organizada por docentes e estudantes da Licenciatura de Comunicação Social, da Escola Superior de Educação de Setúbal do Instituto Politécnico de Setúbal, Paulo Moura participou na sessão de abertura que marcou o início do evento.

No dia 9 de abril, o jornalista marcou presença na conferência, assim como Cândida Pinto, jornalista da SIC, e Mónica Canário, doutoranda em Ciência Política, que teve como tema a “Imagem do mundo nos media”.

Paulo Moura é jornalista, escritor e tem 58 anos. É natural do Porto e começou a trabalhar na área em 1990, ano em que acabou o curso e em que o jornal Público foi fundado. Destacou-se na profissão como repórter de viagens e de guerra, cobrindo os conflitos mais importantes dos últimos 25 anos.

Atualmente trabalha como independente. Depois de desenvolver o gosto pela escrita, decidiu ingressar no curso de jornalismo no Porto, após completar o curso de História. Já esteve em cenários de conflito como a Líbia, Egito, Chechênia, Sudão, Rússia, Iraque e Afeganistão.

Sofia Raichande



Fabricação do Real abordado na 6ª Semana

“A Fabricação do Real” foi o tema da sexta edição da Semana da Comunicação Social na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Durante cinco dias, os estudantes da licenciatura contaram com o testemunho de vários profissionais com créditos dados no ramo da Comunicação. Num total de dez sessões, moderadas por docentes da Escola, os enfoques foram vários tendo sido abordadas questões referentes ao espectro das profissões e das suas práticas. Jornalistas de diferentes meios (imprensa e televisão), fotojornalistas, investigadores, professores, antropólogos, Web-designers e relações públicas permitiram o enriquecimento cultural e intelectual dos participantes nas conferências. A comissão organizadora, na sua maioria constituída por estudantes da licenciatura, encarregou-se de toda a logística do evento.

André Dinis